

Marcos A. Pellegrini

WATUPARI

um testemunho da resistência do povo Yanomami

EDITORA



FIOCRUZ

Watupari: um testemunho da resistência do povo Yanomami

Marcos A. Pellegrini

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PELLEGRINI, M. A. *Watupari: um testemunho da resistência do povo Yanomami* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2024. 135 p.
ISBN: 978-65-5708-228-7. <https://doi.org/10.7476/9786557082287>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

WATUPARI

um testemunho da resistência do povo *Yanomami*

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente

Mario Moreira

Vice-Presidente de Educação, Informação e Comunicação

Cristiani Vieira Machado

EDITORA FIOCRUZ

Diretora

Cristiani Vieira Machado

Editor Executivo

João Carlos Canossa Mendes

Editores Científicos

Carlos Machado de Freitas

Gilberto Hochman

Conselho Editorial

Bernadete Perez Coêlho

Denise Valle

José Roberto Lapa e Silva

Kenneth Rochel de Camargo Jr.

Luciana Dias de Lima

Margareth Maria Pretti Dalcolmo

Maria Cecília de Souza Minayo

Moisés Goldbaum

Rafael Linden

Ricardo Ventura Santos

Marcos A. Pellegrini

WATUPARI

um testemunho da resistência do povo *Yanomami*



Copyright © 2024 do autor
Todos os direitos desta edição reservados à
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ / EDITORA

Revisão
Miriam Junghans

Normalização de referências
Clarissa Bravo

Capa, projeto gráfico e editoração
Carlota Rios

Produção editorial
Phelipe Gasiglia

Supervisão de conteúdos
Ana Lucia de Moura Pontes

Atualização linguística de termos *Yanomami*
Clarisse Jabur

Fotografia da capa
©Bruno Kelly/Instituto Socioambiental

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

P386w Pellegrini, Marcos A.
 Watupari: um testemunho da resistência do povo Yanomami / Marcos A. Pellegrini. –
 Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2024.
 140 p.

ISBN: 978-65-5708-193-8
Inclui Bibliografia.

1. Indígenas Sul-Americanos. 2. Índios Yanomami. 3. Dialeto. 4. Cultura.
5. Xamanismo. 6. Violência. 7. Morte. I. Título.

CDD - 23.ed. – 980.41

Glauce de Oliveira Pereira – Bibliotecária CRB 7/5642

2024
EDITORA FIOCRUZ
Av. Brasil, 4.036, térreo, sala 112
Campus Maré
Manguinhos
21.040-361 – Rio de Janeiro, RJ
(21) 3882-9039 | 3882-9041
editora@fiocruz.br
www.fiocruz.br/editora



Editora filiada

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Watupari, o “ser urubu-rei”, espírito auxiliar do *xapori*, o curandeiro ou homem sábio dos *Yanomami*. Está ameaçado de extinção, como também está ameaçado de extinção o povo *Yanomami*.

Para efeitos desta edição os termos *Yanomami* passaram por uma revisão/atualização. Excetuada essa alteração, esta edição é fidedigna à edição original em português, acrescida do prefácio à edição em espanhol.

*... as sociedades permitem-se unicamente as
doenças que elas podem curar, o campo da patologia está
todo sob controle. É sem dúvida por isso que nossa própria
civilização, apta por sua ciência e sua técnica a descobrir
tantos remédios novos, vê-se assolada por tantas doenças.
O desfecho da corrida dos dois não é óbvio.
Pior para nós.
Pierre Clastres*

*A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte
a que recorreram todos os narradores. E, entre as
narrativas escritas, as melhores são as que menos se
distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros
narradores anônimos. (...) “Quem viaja tem muito que
contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como
alguém que vem de longe. Mas também escutamos com
prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem
sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.
Walter Benjamin*

Sumário

Prefácio a esta edição	11
Prefácio à edição em espanhol da Casa de las Américas	17
Introdução	19
1 Histórias Sobre o Começo	23
2 Sinais do Fim	39
3 Noite, Fogo, Escuridão	49
4 Remédios	57
5 Um dos <i>Napë pë</i> Era Eu Mesmo	71
6 Cartas para Onde Corre o Rio	93
7 Convivência Pacífica	101
8 O Rio-Abaixo	113
Glossário de Termos <i>Yanomami</i>	127

Prefácio

a esta edição

Fragmentos de uma História Cíclica do Povo Yanomami

Omama depositou a espuma com a qual criou os antigos brancos muito longe de nossa floresta. Deu-lhes uma outra terra, distante, para nos proteger de sua falta de sabedoria. Mas eles copularam sem parar e tiveram mais e mais filhos. Então, foram tomados de euforia, fabricando um sem-número de mercadorias e máquinas. E acabaram achando sua própria terra apertada. Ainda guardavam de seus avós antigas palavras acerca dos habitantes de Hayowari e sua floresta. Então declararam a seus filhos: “Existe, bem longe, uma outra terra, muito bonita, onde há muito tempo Omama criou os nossos antepassados. Os habitantes da floresta dos quais se originaram ainda vivem lá. Não são outra gente diferente de nós!” Tais palavras devem ter se espalhado entre os brancos antigamente, já que acabaram atravessando o grande lago que os separava de nós. Navegaram nele durante várias luas, em grandes canoas. Escaparam do vendaval e dos seres maléficos que povoam o centro dessas águas. E, por fim, conseguiram retornar a esta terra do Brasil.

Davi Kopenawa

Sem trégua, processos coloniais avassaladores se replicam, ao longo do tempo e do espaço, na vida de diversos povos indígenas, no Brasil e por toda a América Latina. Se traçarmos as biografias das mulheres indígenas,

veremos que carregarem dores e muitas mortes. Histórias comunitárias marcadas por violências, mas também pelo florescer da potência criativa da vida para reverter a fratura colonial. Histórias da força de diversos movimentos indígenas para lidar e resistir a essas investidas. Ao longo dos últimos anos, presenciamos a violência do garimpo a se impor sobre a vida dos *Yanomami* com o aval da gestão do governo bolsonarista. Mortes incontáveis, violência contra mulheres e meninas e adoecimento das pessoas e da floresta. Foram tempos de horror os que se instauraram. Os xamãs de cada comunidade e as mulheres mais velhas se colocaram à frente na reconstrução da vida coletiva. Ouvi relatos, nas comunidades de Auaris, sobre a atuação dos xamãs, que estavam curando a terra, as pessoas e os diversos seres da floresta adoecidos. Também ouvi relatos sobre mulheres mais velhas (*patasoma*) que se colocavam diante de garimpeiros, defendendo a vida das meninas *Yanomami*. E são essas pessoas que conseguiram manter o fio de vida.

Marcos Pellegrini tem presenciado e acompanhado os *Yanomami* nesses cenários aterradores, nos quais vida e morte se entrelaçam, ao longo de décadas, permeadas por momentos de calma quando o frescor e a fertilidade sopram na floresta. Nos anos 1980 e 1990, como médico, atuou no território *Yanomami* quando garimpeiros e ações governamentais rasgavam a floresta e a vida dos *Yanomami*. Desde então, esteve sempre presente no território e, hoje, como professor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR), vem acompanhando processos históricos desestruturantes da vida social *Yanomami* e as histórias *Yanomami* sobre esses eventos.

O livro *Watupari – Wadubari* na edição original, de 1993 –, narra um fragmento histórico, parte desses processos, quando a ação colonial agressiva do garimpo se manifestava de forma intensa no território, quando epidemias deixavam toda uma comunidade paralisada e a fome se fazia presente. O cenário de tempos passados que o livro relata se replicou em tempos recentes, com a invasão do garimpo e a gestão governamental genocida que deixaram rastros de mortes e marcas de dores e raiva sem fim

entre esse povo. Tais cenários, que se erguem em temporalidades diversas, não devem ser esquecidos, mas documentados e relembrados, mostrando que o passado se faz presente, que não responsabilizar os culpados é tê-los novamente em cena, refazendo o horror.

Para contar essa história, o autor nos leva pelo caminho de uma metaetnografia, resultado dessa captura do real, mas jogando com o construído e moldado da ficção no processo narrativo. Assim, um registro delicado transparece em uma escrita sensível e criativa. No campo, ao lado dos *Yanomami*, usou sua habilidade antropológica para participar, para se aproximar da vida e se enraizar na oralidade *Yanomami*. Fez uma leitura do cotidiano que exigiu cuidado no olhar, ouvir e falar. Ao viver a contingência de experimentar um lugar tão sensível e de sentir, transpôs tudo isso para o livro *Watupari*. E fez uma escolha no modo de construir seu relato, exemplificando um dos dois grupos de narradores que Walter Benjamin (2012) diferencia, aquele que não viaja, mas fica e conhece as histórias do lugar.

A obra *Watupari*, como narrativa escrita, foi criada pouco se distinguindo das histórias orais contadas pelos muitos narradores *Yanomami* com os quais Marcos Pellegrini conviveu. Para Walter Benjamin (2012: 217), essas narrativas orais “tecidas nas substâncias da vida vivida” são sabedorias e aproximar-se delas na escrita é um desafio para o autor/narrador. Para realizar seu intento, em *Watupari*, o autor criou um personagem autofictício, um *Yanomami* que, como sujeito coletivo, reúne pessoas, diálogos e situações que presenciou e vivenciou. Nessa construção do personagem, marcada pelo vivido e ouvido, na qual o etnógrafo se mescla aos narradores *Yanomami*, memórias foram refeitas e associações restabelecidas. A estratégia usada nos lembra as discussões sobre documentários etnográficos apontadas por Marco Antônio Gonçalves (2008) sobre a obra de Jean Rouch, que se relacionam com as escolhas de Pellegrini e nos levam a pensar nas possibilidades de hibridizar, inverter ou fazer interagir alteridades entre o autor/narrador *napë* (não indígena), o personagem *Yanomami* e os narradores *Yanomami*; de fazer do real uma

fabulação ou algo surreal e de construir verdades a partir de ficções. Marcos Pellegrini, em *Watupari*, escreve ancorado nas suas experiências e nas experiências dos narradores com os quais conviveu e que ouviu em campo. A narrativa é baseada nesse personagem central que o autor elegeu. Ao seu redor, ele dispõe todos os relatos ouvidos e faz da narrativa um exercício de ficcionalização que não se refere simplesmente a algo inventado, mas reflete experiências vividas e sentidas. Espanto, medo, alegria, raiva, dor, saudade e choro estão nas relações estabelecidas com pessoas e seres da floresta, nos eventos vividos tanto pelo autor quanto pelos narradores na terra/floresta *Yanomami*.

O personagem central *Yanomami* apresenta o autor/narrador da seguinte maneira:

Como as coisas que o *napë* estava pensando estavam marcadas e guardadas nele mesmo – por dentro – e ele estava com coceira no pensamento, foi repetindo os desenhos-palavras na superfície do papel para que outros possam ver e entender como queiram. E as palavras repetidas foram fazendo uma história repetida. Assim... (Pellegrini, [1993]2024)

A narrativa em *Watupari* segue com esse personagem, que entrelaça autor/narrador e narradores *Yanomami*, que se reúnem a partir da criação dessa experiência e contam histórias da presença dos *napë* (não indígenas) entre os *Yanomami* e toda a desestruturação de seu mundo. Mesclados ao terreno do imaginário, *Watupari* apresenta dados históricos e etnográficos desse período. Produz uma narrativa tão legítima quanto a apresentada numa monografia canônica na antropologia, mas com o diferencial da escolha de Pellegrini de seguir a fluidez de uma narrativa que se desprende da rigidez acadêmica. Se, como afirmam diversos autores (Geertz, 1978; Clifford, 1998; Noronha, 2005), toda etnografia é uma dupla invenção, a invenção dos Outros a partir de uma ficção coletiva coerente, e a invenção da figura antropólogo, o livro em questão está nesse terreno. Narra a partir de quem viveu, o antropólogo, em interação com os narradores *Yanomami* que, como etnógrafos, desenharam o coletivo de brancos que se apresenta

na vida do seu povo. E nos leva a um caleidoscópio de vozes nesse triunfo da ficção construída e modelada.

O repertório etnográfico está baseado nas compreensões *Yanomami* e suas teorias sobre os *napë*. O livro traz relatos sobre a presença dos não indígenas que arrancam suas peles; trazem presentes que cheiram forte e adoecem; trazem seus líquidos e caroços para curar doenças; gostam de saber os nomes e de “tirar” imagens; e chegam esburacando e sujando tudo. São muitos e diversos, mas também iguais entre si. *Watupari* apresenta retalhos da memória, camadas constituídas de variadas narrações. Nesse sentido, narra o vivido, não como simples descrição, mas como compreensão do sentido. E, principalmente, segue o fio que foi tecido pelos narradores *Yanomami*.

Sílvia Guimarães

Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília

Referências

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONÇALVES, M. A. *O Real Imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- NORONHA, J. Patrick Chamoiseau: etnografia e ficção. *Niterói*, 19: 267-285, 2005.

Prefácio

à edição em espanhol da Casa de las Américas (Havana – Cuba, 1991)

Um urubu voava em um quarto próximo ao aeroporto de Congonhas. Melodias de um lugar distante, mesmo da história, ressoavam no labirinto que é o cérebro. O labirinto estava cheio de monstros e abismos.

Uma pessoa pegou um pequeno gravador nas mãos e sentou-se no banheiro. Quinze horas de conversa com o aparelho, interrompidas apenas por alguns soluços incontroláveis que teimavam em ser altos demais. Só o gravador teve paciência para ouvir tanto.

Outra pessoa ouviu e demonstrou mais paciência do que o gravador, que repetia diversas vezes palavras que estavam sendo escritas. Os textos foram sendo recortados, acrescentados, retocados ou eliminados, na tentativa de sublimar a estupidez humana.

Os vinte mil *Yanomami* aparecerão como nota de rodapé no glossário de termos raros. Os mortos, se assim quiserem, aparecerão nas entrelinhas ou nos labirintos na cabeça dos leitores. É bom esclarecer que, de numerosos grupos, restam poucos sobreviventes vagando pelo mundo-floresta. Isso ficou comprovado durante os primeiros meses deste ano, durante a repetição de um dos vários planos emergenciais de saúde que se sucederam enquanto morriam quase duas mil pessoas.

O crime terá diversas versões: dos assassinos às vítimas, passando pela acadêmica, pela epidemiológica, pela antropológica, pela política, pela mística, pela jurídica, pela eclesiástica, pela histórica. Há também a jornalística, em linguagem para leitores de jornais.

Esta é outra versão: a minha.

A história, porém, não acabou. Existem provas vivas. Vítimas que sobrevivem.

Rio Branco (AC), 23 de outubro de 1990.

Marcos A. Pellegrini

Introdução

*É que da bem-aventurança e da alegria na vida
há pouco a ser dito enquanto duram; assim como as
obras belas e maravilhosas, enquanto perduram para
que os olhos as contemplem, são registros de si mesmas,
e somente quando correm perigo ou são destruídas é
que se transformam em poesia.*

Tolkien, *O Silmarillion*

Um *napë*¹ assim viu e pensou quando estava no rio *Tihisipora u* há três cheias passadas.

Os *Tihisipora u thëri*,² que eram muitos e moravam em cinco casas, estavam todos com *xawara*.³ Tinham dores fortes, quenturas, tosses. O ar era pouco para eles que respiravam depressa... Choravam os velhos e as crianças viciados em morrer. Ninguém conseguia buscar bananas na roça, água ou lenha... as noites eram frias. Ninguém conseguia flechar os animais que eram sadios e podiam correr...

Essas pessoas queriam algo que lhes aliviasse as dores e, então, fugiram para longe, dentro da floresta — onde a *xawara* não vai — em *henimu*,⁴ para comerem *mamokikë*.⁵

¹ *Napë* – pessoa que não é Yanomami. Plural: *napë pë*.

² *Tihisipora u thëri* – grupo local que vive às margens do rio *Tihisipora u*, Alto Mucajaí.

³ *Xawara* – doença levada pelos brancos e que provoca a morte de muitas pessoas num curto intervalo de tempo. Plural: *xawara pë*.

⁴ *Heninmu* – acampamento de caça e/ou coleta.

⁵ *Mamokikë* – castanhas venenosas em estado natural. Iguaria apreciada após cozimento, maceração em água corrente e eliminação das cápsulas tóxicas.

O *napë* tinha vários caroços e líquidos que aliviavam os desconfortos... Furava as pessoas com agulhas e lhes empurrava na carne, com muita dor e esforço, o líquido branco e valente que ele chama de penicilina. Pelo estado em que se encontravam, as pessoas eram obrigadas a gostar.

Partiram em *henimu*.

Dizem que os *Tihisipora u thëri*, durante esse *henimu*, não conseguiram subir nas árvores para cortar os galhos com as castanhas: arrastaram-se até o tronco e devagar derrubaram as *mamohikëpë*⁶... Morreram em número igual a todos os dedos de uma mão e mais dois dedos da outra mão.

Algumas pessoas têm doenças e remédios. Outras não têm remédios... e também não têm doenças. Mas, sempre que a doença é estranha, podendo ser chamada de *xawara* gripe, sarampo, aids, ou qualquer outro nome, as pessoas morrem.

Todos morrem... mas, quando a morte leva muitos de uma vez, o pensamento fica sem gosto.

Os *napë pë* são capazes de transformar florestas em papel e sobre elas desenharem o seu pensamento para que outros possam ficar sabendo, mesmo que já não existam mais as coisas que ele desenhou, ou a própria pessoa que o fez.

Um *napë* conheceu as pessoas que moravam num outro mundo – na serra – e que não conheciam a superfície de papel e nem sabiam decifrar as imagens que existem nelas.

Como existem poucos *napë pë* que conhecem as pessoas da serra, aquele que as conheceu ficou querendo marcar na superfície da floresta de papel as coisas que aconteciam entre as pessoas com quem ele morou durante um tempo em que choveu e os rios ficaram grandes por três vezes.

Como existem várias maneiras de desenhar um pensamento sobre as superfícies – e muitos desenhos-palavras que nem todos sabem o que

⁶ *Mamohikikë* – árvores que produzem *mamokikë*.

significam – ele queria marcar uma que todos fossem capazes de entender. Mesmo os que conhecem poucos desenhos-palavras.

Como existem muitos tipos de pessoas diferentes no ser, ter e viver, ele ficou com medo-vergonha de deixar as coisas marcadas definitivamente na superfície do papel. O pensamento muda e as coisas marcadas na superfície não... dependendo da superfície e de como são marcadas e guardadas.

Como as coisas que o *napë* estava pensando estavam marcadas e guardadas nele mesmo – por dentro – e ele estava com coceira no pensamento, foi repetindo os desenhos-palavras na superfície do papel para que outros possam ver e entender como queiram.

E as palavras repetidas foram fazendo uma história repetida.

Assim...

| Histórias Sobre o Começo

I

No começo, contam, os rastros sem dedos e a capacidade de arrancar a pele e vestir outra de outra cor fizeram com que as pessoas pensassem que os *napë pë* fossem espíritos. Assustaram-se. Depois ficaram sabendo que eram *napë pë*, não eram espíritos: assustaram-se outra vez.

Os *napë pë*, para agradecer, deram presentes: o metal grande e amolado era novo demais e tinha o cheiro do óleo em seu besunto para que não enferrujasse. Desse cheiro veio a primeira *xawara*. Pelo ar ela veio no cheiro sem imagem vista: espíritos, como dizem uns, ou vírus, como dizem outros...

Foram abandonados os metais: *poo a*, metal; *poo a pata*, metal grande, facão; *poo a ihiru*, filhote de metal, faca; *poo xiki* pedaços de metal, tesoura... assim foram chamados.

As pessoas ficaram querendo os metais para trabalhar nas roças. Foi-se a primeira *xawara* e seus mortos... os metais abandonados perderam o cheiro e foram recuperados.

No alto da serra, onde nascem os primeiros braços do *Thomë tha u*⁷ e do *Parimi u*,⁸ os *napë pë* começaram a aparecer vindos do céu.

Era o tempo em que nasciam os que hoje são chefes, filhos dos velhos verdadeiros de fato, que se assustaram com o ronco do avião sobre a *urihi*,⁹ perto das costas da grande roça que existe lá em cima. Era quando

⁷ *Thomi tha u* – rio das Cutias. Nome dado ao Alto rio Mucajaí.

⁸ *Parimi u* – Alto rio Parima.

⁹ *Urihi* – mundo, terra, floresta.

os *napë pë* começaram a colocar as pedras no alto da serra para dividi-la entre eles.¹⁰

Quando os grandes de hoje eram rapazes, já pedindo mulher ou tendo os primeiros filhos, o avião desceu da serra onde é *pīrisi* – a floresta pequena de altura. Um dos *napë pë* que chegou já sabia das pessoas, de sua boca e de sua orelha. Ele logo quis vir morar com elas para falar e fazer Deus. Esse era o *napë*-missionário. Os donos do avião eram os *napë pë*-soldados. Esses não sabiam conversar.

Os que chegavam do céu eram *napë pë*. Os que viviam e faziam suas casas na *urihi* eram gente: *Yanomami*. Uns achavam que outros eram espíritos e outros achavam que uns eram bichos.

II

O povo da serra vivia fácil e normal: caçava onde tinha caça, pescava onde tinha pesca, colhia onde e quando tinha fruta, plantava onde a terra era boa, queimava a casa e construía uma nova, caso os insetos, a sujeira ou as goteiras comesçassem a incomodar o bem-viver... Assim iam procurando lugares com mais caça, mais pesca, terras férteis e sítios apropriados para a construção do *xapono*.¹¹ Mudavam-se também por morte, assombração e desgosto; por coragem ou medo daqueles que eram inimigos, ou à procura de amigos... Também fugindo da *xawara*.

Usavam o corpo inteiro para viver: desde os dentes para mastigar a comida dura e cortar o que precisassem e fossem capazes; os olhos para perceber as sutilezas do tempo e dos bichos do mato; as orelhas para ouvi-los; as pernas para andar longe conhecendo a *urihi* ou correndo atrás da

¹⁰ Trata-se da Comissão de Limites Brasil-Venezuela.

¹¹ *Xapono* – casa tradicional cônica com praça central para brincadeiras e cerimônias. Plural: *xapono pë*.

caça. Sentiam seu cheiro. Os braços usavam para plantar, flechar, fugir... Força para quando fosse preciso; valentia e magia para quando necessárias. Choram e riem sentido e gostoso.

Constroem *xapono* para viverem juntos entre os parentes com cada pai, mãe e filhos pequenos. Grupos de velhos ou jovens fazem seu fogo para quando é frio e escuro.

Os homens trabalham para o sogro nas roças e caçam para as sogras e futuras esposas, que muitas vezes são crianças. Vestiam-se de tinturas da floresta, penas coloridas, peles e flores. Fios de algodão os homens usavam para amarrar a pele do pinto e lhe esconder a cabeça, e as mulheres teciam os fios para esconder as margens do buraco. Perfumavam-se com folhas cheirosas... furavam a beira de baixo da boca nos dois cantos e no meio, onde colocavam as varetas de *pirimihikē*¹²... furavam as orelhas assim como os homens. Às vezes, existiam simples: pelados.

Caçavam longe das roças e da água de beber...

Os *xapori pē*¹³ tinham os espíritos que moravam provisoriamente em seus peitos, viajavam e guerreavam por outros espaços, combatendo males e libertando espíritos roubados.

Sabiam das magias de sementes, troncos, folhas, macerados, misturas e cheiros que combatiam inconvenientes – desconfortos ou pessoas – e atraíam amores, caça, valentia e boa sorte.

Os mortos ficavam bem quando eram chorados, queimados com seus pertences, e suas cinzas ingeridas em festas obrigatórias. Não era permitido que se falasse mais deles.

Assim viviam, tinham filhos e aumentavam cada vez mais, fazendo mais *xapono pē* e mais roças.

¹² *Pirimihikē* – haste de uma espécie de capim usada como adorno.

¹³ *Xaporipē* – plural de *xapori*, *xamā*: pessoa que recebe espíritos auxiliares em seu peito para curar males.

III

A serra, vista de cima, parecia cobra grande e por isso os *napë pë* a chamaram de serra das Surucucus. Lugar de mato pequeno – já que a terra é pouca sobre a laje de pedra – onde desceu o avião pela primeira vez. Plantas de folhas grossas e coloridas. Flores-orquídeas de variadas cores, tamanhos e formas. Rios limpos, de fundo de pedras desenhadas que brincam e sofrem nas *pora pë*¹⁴ com sons de quando o mundo era outro. As pessoas que nasceram nas redondezas, que sabem das histórias contadas de boca, dizem que, lá no alto, há muito tempo, caiu do céu um fogo que modificou a floresta verdadeira e ficou, depois disso, sendo *pirisi*.

Era no tempo em que nasciam os que hoje estão casando e tendo os primeiros filhos. O *napë*-missionário, que conversava com as pessoas, voltou com os *napë pë*-soldados e fez um limpo na floresta verdadeira para que caíssem os filhotes de avião. Construiu sua casa. Ele falava de Deus e do pecado que era as pessoas não andarem embrulhadas, trabalharem para ter várias mulheres, conversarem com os *hekura pë*¹⁵ para pedirem auxílios nas dores. Para alguns deles, o pecado principal era não saber de Jesus: um *napë* que era filho de Deus e viveu há muito tempo, conforme os escritos nas florestas de papel. Parece que o *napë*-Jesus era *xapori* e conversava com espíritos... e os *napë pë* daquele tempo mataram ele aos poucos numa cruz que não era avião.

Para acabar com o pecado que era deixar que os outros vissem o pinto, o *napë*-missionário fez com que as pessoas ficassem precisando do pano vermelho que os homens passaram a usar enrolado entre as pernas e na cintura, com a ponta pendurada no rego da bunda como se fosse um rabo. Começando a ter vergonha do pinto, ficou desde aí menos vergonha para se ter na cara...

¹⁴ *Pora pë* – cachoeiras.

¹⁵ *Hekura pë* – espíritos auxiliares do *xapori*.

E os *napë pë* não sabiam que as pessoas da serra eram gente. Uns diziam que eram *Waika*.¹⁶ Isso porque usavam nas pontas das flechas a substância que fazia com que os macacos flechados ficassem moles e não morressem agarrados no alto das árvores: miorrelaxantes, conforme o nome que os *napë pë* que sabem das drogas inventaram. Para outros, as pessoas passaram a ser chamadas de *Iscariana*, *Xiriana* ou *Xirixana*, conforme o ouvir dos *napë pë* e o falar das pessoas de boca parecida com os da serra, que moravam rio abaixo, perto dos *napë pë*, onde o rio é grande.

Com os *napë pë*-missionários morando no lugar que se dizia *Henamakë*,¹⁷ as pessoas da serra queriam ficar perto deles sempre, para poder desfrutar dos mágicos palitos que faziam fogo e dos metais de corte, principalmente.

A *xawara* vinha por vezes com o mesmo avião que trazia essas coisas... e o *napë*-missionário precisou trazer seus remédios-caroços e líquidos-bebíveis ou injetáveis. As pessoas precisavam dos remédios que vinham com os mesmos que traziam as doenças. E essas atacavam mais duro e melhor quando as pessoas ficavam morando sempre no mesmo lugar perto dos *napë pë*-missionários para ter suas coisas. Por isso não plantavam roças em novos terrenos distantes e ficavam sempre caçando nos mesmos matos e os bichos iam se tornando poucos... e as casas iam se tornando velhas e sujas... e os vermes que viviam nas barrigas iam aumentando.

Os remédios chegando e as pessoas morrendo e aprendendo que Deus existia.

O tempo foi passando e já quase eram moças as meninas que nasceram na chegada dos primeiros *napë pë* que desceram do avião do céu. Aí, o pessoal que era *Aikam* (*ë*) *thëri*¹⁸ ficou bravo com os *napë pë*-missionários e invadiu suas casas, jogou fora suas coisas, e eles foram embora.

¹⁶ *Waika* – grupos que utilizam pontas de flechas envenenadas.

¹⁷ *Henamakë* – nome do lugar onde foi instalada a casa dos missionários da Missão Evangélica da Amazônia (Meva), em 1965.

¹⁸ *Aikam* (*ë*) *thëri* – morador da serra Aikam. Plural: *Aikam* (*ë*) *thëri pë*.

É que os *Aikam* (ë) *thëri pë* acharam que os *napë pë* davam mais presentes e melhor eram no trato com outros grupos e por isso não os quiseram mais na sua floresta: afugentaram-nos.

Era isso no tempo em que nasciam as moças que hoje menstruam pela primeira vez.

Foi nesse tempo também que desceram do céu os outros *napë pë* que procuravam as terras-minérios que transformam em metais... e foi lá do alto do avião que os *napë pë* acharam, com uma das muitas máquinas de olho grande que eles têm, as terras-minérios nas serras que são Sururucu e Parima (Projeto Radambrasil).

Foi também nesse tempo que chegou o Chico,¹⁹ que ficaram sabendo ser Funai que ia ajudar as pessoas.

As pessoas queriam os metais-ferramentas e os *napë pë* queriam as terras-minérios... Assim era e é.

IV

Os *napë pë* que procuravam os minérios vieram em muitos e eram entre si diferentes no tom de pele, forma do corpo e consistência dos cabelos.

E tinham as mágicas dos metais, dos palitos de fogo e da luz-que-sai-do-braço... e embrulhavam-se nas superfícies coloridas do algodão verdadeiro ou feito pelo que chamam de máquina.

Eram *napë pë*-garimpeiros, que lavavam a terra nos rios para dela separar a parte que procuravam. Procuravam muito a areia que é amarela e usam mais para simples enfeite ou para guardar em caixas-cofres que são

¹⁹ Chico - um dos primeiros representantes da Funai a entrar em contato com os *Yanonami* da região.

duras e poucos abrem. E moraram onde nasce o rio *Tihisipora u* e o *Ximixi u*,²⁰ onde fizeram outro limpo para que os aviões caíssem.

Procuravam a terra-ouro que eles tanto gostam e dão valor. Achavam a terra escura, que chamavam de cassiterita, que não valia tanto para que o avião viesse buscá-la, sendo ela muita e pesada.

As pessoas da serra gostavam de ficar olhando à toa, por olhar, os garimpeiros com seu trabalho entremeado com a chegada de aviões e máquinas-tratores que andavam sozinhas pelo chão. E ganhavam as sobras de comida que vêm no saco e na lata e comiam... e achavam diferente... e gostavam... e tinha o muito doce, o muito salgado e o muito amargo.

Os que moravam no lugar que tinha um rabo de tamanduá-bandeira espetado num tronco ficaram tanto tempo na observação do costume dos *napë pë* e, muitas vezes, trabalhando para eles em troca de roupas velhas e comida doce em que se viciavam, que não plantaram roça... e mais tarde passaram fome, indo pedir comida ao Chico. Brigaram com os *napë pë*-garimpeiros, mataram-se entre si e acabaram indo os *napë pë* embora, conforme mandou o chefe deles, que mora sempre num lugar muito longe de tudo.

Existiu fome, *xawara* e briga. Existiram mortes de crianças, cuja ausência é sentida entre os que hoje são *Tihisipora u thëri* e naquele tempo eram moradores do lugar onde tinha um rabo de tamanduá-bandeira espetado.

O que hoje é chefe dos que moram num montículo de terra e ainda chamados de *Talemë u thëri*, por terem morado às margens do *Talemë u* até pouco tempo atrás, recebeu um nome dos missionários e por ele começou a ser chamado: Ado ou Ato, dependendo do tabaco estar no lábio ou não, modificando a boca das pessoas.

Dos *napë pë*-garimpeiros o Ado ficou amigo e conseguiu que o levassem no avião para o lugar-Boa Vista. O avião balançava no céu e vinha o

²⁰ *Ximixi-ú* – afluente da margem direita do Parimi-ú (Alto rio Parima).

medo que os espíritos abandonassem o corpo. As *napëyomapë*,²¹ que não tinham maridos de verdade, eram cheirosas e eram de todos... Ele teve uma delas no lugar de dormir com muitos panos. Teve depois uma ferida no pinto... por causa – apesar – do bom cheiro da fonte.

Foi de novo para Boa Vista, quando os garimpeiros ficaram ignorantes e furaram sua barriga com o filhote de metal-terçado. Dessa vez, dizem, os *napë pë* lhe costuraram as tripas que foram furadas...

Os *napë pë*-garimpeiros, como os missionários, chegaram e foram pelo céu depois que se desentenderam. Foram bravos os dois.

Apesar de antes serem amigos... era mentira simples.

V

No tempo em que os missionários e garimpeiros saíram, chegou o Chico com a mulher dele e foram morar bem perto da pista grande, e primeira, junto da cachoeira mais alta do *Warëtho u*.²²

As pessoas da serra estavam bravas com os *napë pë*, mas o Chico era valente e conversava bem que era conhecido e conhecia pessoas como eles, que moravam longe, pelos lados em que o sol cai, que é onde ficam os *Xamatari*.²³ Margens de outros rios que são também braços do maior deles...

Isso era naquele mesmo tempo em que nasciam as que estão para fazer sangue pela primeira vez.

E foram chegando outros empregados do Chico... E as pessoas ficaram sabendo que era Funai... E o Chico arranjou como fazer casa melhor,

²¹ *Napëyoma* – mulheres não Yanomami.

²² *Warëtho u* – rio dos Queixadas.

²³ *Xamatari* – Yanomami que vivem a oeste da região dos informantes.

Warëtho u um pouco mais acima... Fez depois casa grande para os outros e hospital que era pra tratar doentes. Colocou máquina na outra água – o *Harai u*²⁴ – para acender as luzes sem os caroços-pilhas e dar sustento para alimentar outras máquinas que apareceram, além do rádio que fazia a boca ficar grande e poder conversar com os *napë pë* de longe, que não há quem saiba direito onde estão.

O avião grande e escuro dos *napë pë*-soldados vinha uma vez a cada lua. Às vezes deixava de vir por não enxergar a serra através de nuvens ou neblina; ou por medo de afundar os pés, escorregar e tombar na pista molhada quando tinha chovido muito há pouco tempo.

Vez ou outra vinha a *xawara* e era por poucas vezes...

Nasciam pessoas e faziam-se casas novas... e assim foi: uma parte dos *Aikam* (ë) *thëri* veio morar perto da casa do Chico, no descampado, e ficaram se chamando de *Pirisi thëri*...

E os *Pirisi thëri* não são amigos de todos e então não são todos os que podem ter as coisas de *napë* conforme queiram... e os *napë pë* não dão suas coisas conforme pedido e necessidade: como seria bom para que todos ficassem contentes e confortados iguais. Só podem pedir e ter as coisas os que tiverem a superfície de papel que eles gostam e pedem de pagamento à vista. Vivem por ela... que pode ter muitos nomes: pau, pila, milhão, bi, cruzeiro, cruzado, OTN, dólar... e ninguém sabe de verdade para que servem esses valores. E estão sempre a se perguntar: “Quanto custa isso?”

E a resposta é sempre diferente para a mesma situação e pergunta.

²⁴ *Harai u* – afluente do *Parimi u*.

VI

Metais e minérios. Cada um pensa no que lhe é mais interessante.

As pessoas da serra pensavam em machados, facões, facas, tesouras; metais grandes, filhotes e pedaços... Mas nenhum dos *napẽ pẽ* que conheciam sabia fazer as coisas que possuíam. A maioria delas só quem sabia fazer tão direito eram as máquinas... e tinha das que faziam de tudo, cada uma, uma coisa: fazer e amolar os metais, tecer, fazer luzes e seus caroços... comida em sacos que não molham e em latas... remédios e venenos (esses feitos pelo mesmo tipo de máquinas ao que parece...). E deve ser um paraíso onde vivem os *napẽ pẽ* com suas máquinas que fazem de tudo para eles... Plantam e colhem; fazem fogo sem lenha.

Os *napẽ pẽ* ficaram pensando em minérios desde que os viram lá do alto do avião. E não era só a terra-ouro ou a terra-cassiterita que os fazia pensar... Viram e pensaram lá do alto do avião que podia ser que existisse na serra a terra-urânio, que tanto querem para algum tipo de feitiço que alguns deles sabem; e que quase sempre dá ao contrário e o próprio feiticeiro acaba doente, já que é feitiço perigoso o que chamam energia nuclear, que transforma coisa palpável em espírito-energia... que dá fogo e doença... mata e faz morrer... E querem mesmo assim...

E as pessoas da serra lembravam-se também da luz lanterna, que sai do braço, seus caroços e seu olho... palitos pintados e metais que fazem fogo... pedras quebradiças, transparentes feito água,²⁵ que fazem olhos estragados se tornarem novos.... Metais de diversos tipos que os próprios *napẽ pẽ* que chegavam não sabiam como fazer... só outros é que sabiam... e quem sabia era o que chamavam máquina... que era maior tanto no fazer como no saber – não de sabedoria, mas de coisas-informações – como aquela que chamam computador...

²⁵ Vidros, óculos.

Deve ser muito bom o lugar onde moram os *napë pë* com suas máquinas que tudo fazem, e muito longa sua vida com seus remédios e curas de engolir, furar, esfregar, cortar e costurar carnes, ou até mesmo invisíveis, como fazem algumas máquinas (as que fazem o olho ficar grande e transformam as coisas muito pequenas que não são vistas em tão grandes que não são reconhecidas, ou até mesmo fazem imagens em superfícies das partes do corpo que só existem por dentro – com as pessoas vivas e sem cortes...).

E a maioria dos *napë pë* sequer sabe que existem as pessoas da serra.

Muitas das pessoas, a maioria delas, não sabem de onde vêm os *napë pë*. Muitos dos *napë pë* dizem que as pessoas existem em poucas naquele lugar, e que a *urihi* é vazia. Querem e pensam nos minérios para mandar para outros *napë pë* que existem longe: tão longe, que são outros...

Alguns *napë pë* querem que as pessoas fiquem igual a *napë* no falar, embrulhar o corpo... viver de todo igual. Têm medo do diferente... Nojo de muita comida que as pessoas comem pra matar a fome de carne. Comida que existe à toa na floresta e que não faz mal – feita mesmo para assim servir. Não gostam do jeito que o *xapori* faz para curar as pessoas cheirando *yakoana*,²⁶ e nem que não sejam nascidos os malvintos por defeitos do corpo ou por querer comum; como sempre foi na serra.

Os filhos dos *napë pë* devem ser todos bem-vindos, bem-feitos de corpo e alimentados; já que têm até mesmo o pó de leite dentro das latas para que assim as mães possam ficar longe dos filhos trabalhando – mesmo que só para conseguir o pó de leite. Suas tetas secam... às vezes criam caroços que fazem com que morram por suas tetas não mamadas.

Não se conversavam, pouco se conheciam... cada um pensava sozinho como queria que fosse e como melhor poderia ser para ele mesmo, do seu jeito próprio: metais e minérios, máquinas, terras, florestas e rios.

Valores.

²⁶ *Yakoana* – alucinógeno utilizado pelos *xapori pë*.

VII

E as pessoas da serra não tinham como ir por si só até a terra dos *napë pë* que tinham as máquinas que voavam e chegavam pelo céu.

Chegaram *xawara pë* ferozes que fizeram muitos mortos...

Os *napë pë* mandaram os helicópteros com remédios para doentes e não doentes.

Entre os que moram distante eles foram muitas vezes mal recebidos... era um medo esquisito que sentiram. É que eles não conheciam os *napë pë* a não ser de ouvir falar por aqueles que os viram e trouxeram algumas de suas coisas que as pessoas já usavam... e trouxeram também *xawara*.

Muitos fugiram quando chegava a máquina voando barulhenta. Outros fugiam ou afugentavam os visitantes quando viam alguns dos *napë pë* com um par de olhos sobressalentes que eram capazes de tirar e pôr, ou marcar coisas e pessoas com tinta escura na superfície do papel... coisas que foram tidas como feitiço: por estranhas ou proibidas.

Muitos suportaram o medo pensando que já que os *napë pë* eram amigos e quiseram cair do céu no limpo perto de sua casa, trouxeram com certeza presentes em agrado aos visitados como é o costume... Mas trouxeram somente remédios e queriam furar todos – doentes ou não – e colocar na carne o líquido que traziam na caixa-fria-de-água-dura, em pedras, o líquido que evitaria as *xawarapë* que estavam ainda por vir... e por mais de uma vez fugiam ou afugentavam: queriam presentes e bálsamos e não mais dores. Não conheciam os *napë pë* e nem sabiam de seus remédios e práticas dolorosas.

Muitos foram furados... com muitos tipos de agulhas e de líquidos... e os *napë pë* iam embora rapidamente, como tinham chegado.

As crianças choravam com os caroços feitos na bunda por agulhas e líquidos. Os adultos não podiam trabalhar pelos caroços nos braços...

e, apesar das furadas e dos caroços engolidos, veio logo uma *xawara* que fez com que fugissem de pronto quando ficavam sabendo ou viam que os *napë pë* estavam voltando.

E os *napë pë* voltaram várias vezes de helicóptero, e cada vez furavam menor quantidade de pessoas... e não sabiam quem furavam ou quem já tinha sido furado da outra vez, já que os líquidos não deixavam marcas tardias, a não ser aquele que aplicavam com um filhote de agulha, quase por fora da pele, que deixava uma ferida e uma cicatriz para sempre no braço que as pessoas mais usavam para trabalhar e para caçar, onde sempre os *napë pë* aplicam esse líquido.

Esse era o líquido para as pessoas não terem a *xawara* que faz o peito apodrecer por dentro: tuberculose, como diz *napë*.

E o *kamikari*²⁷ continuou vindo morar no peito das pessoas, mesmo das que tinham cicatriz da água-fria no braço direito...

E continuaram chegando as *xawara pë*, apesar dos vários tipos de líquidos que vêm na caixa-de-água-fria... apesar dos muitos líquidos e caroços para as doenças. Continuam a existir mais doenças que remédios.

Foi assim que um *napë* ouviu de bocas e viu em papéis quando chegava na serra, e foi assim que ele pensou.

²⁷ *Kamikari* – doença consumptiva associada a espírito de mortos.

2 Sinais do Fim

I

Quando começava a quarta chuva passada, chegou na serra um *napë*, que vinha de longe como qualquer outro. Já passaram também três verões. As crianças que naquele tempo estavam por nascer, ou há pouco eram nascidas, hoje têm um irmão menor ocupando ventres e tetas que lhes serviram.

O *napë* que chegava também não sabia a que distância, medida em dias de caminhada, estava do lugar onde tinha nascido na beira de um braço de um outro rio grande que existe bem longe daquele que nasce na serra... e era ainda da mesma terra, como aquela da serra, que chamam Brasil. Tinha vindo no jato até Boa Vista, de onde acabou de chegar no avião grande dos soldados.

Chegou junto com outros, trazendo mais uma vez os líquidos remédios dentro da caixa-de-água-fria-e-dura. Andavam a pé e, talvez por cansaço, eram mais demorados nas casas que quando vinham de helicóptero. E marcavam na superfície do papel quem era furado, quem era filho de quem, pai de quem, irmão de quem, casado com quem... Um deles falava e ensinava aos outros, que logo aprenderam a perguntar o que era cada coisa – *Witi pi the thu?*²⁸ – perguntavam e não escutavam a resposta...

Ficavam depois de passar uma lua na serra, outras duas andando com outra gente que também levavam os líquidos das epidemias e voltavam para passar mais uma entre as pessoas da serra... e assim foram se vendo e se conhecendo...

E era no tempo em que os *napë pë* começaram a aumentar no alto da serra...

²⁸ *Witi pi the thu?* – O que é isso?

Uma vez veio um avião grande com os *napë pë* importantes – os deputados –, que queriam saber se o pessoal da serra existia mesmo e se queriam aqueles que procuram minérios para morar no mesmo mundo. Deram chinelos, entre outras coisas, de presente. Os chinelos ficavam pendurados na maloca, já que não serviam pra andar nos caminhos da serra. Servem pra dar uma voltinha pela casa, imitando o andar dos *napë pë*, o que sempre provoca risos.

Vieram, depois, outros *napë pë*-chefes ver se existiam mesmo muitas pessoas. Essas estavam escondidas com medo da *xawara* que chegou com o primeiro grupo de *napë pë*-deputados.

Era 1985²⁹ ou como dizem os *napë pë* – há quatro águas –, quando começou o aumento da chegada de *napë* pelo céu vindo nos aviões.

II

Vieram *napë pë* diferentes: os *Venezuela thëri*,³⁰ que iam melhorar os marcos de pedra-feita para dividir a serra; os soldados e seus empregados para melhorar a pista, para que os aviões não atolassem. Vieram para terminar o que começaram muito tempo atrás, quando os velhos eram jovens e viram pela primeira vez a cruz de metal voando no céu. Continuam descendo para dividir a serra em duas... Do outro lado da divisão que fazem, existe gente que faz casas como as daqui: parentes que os *napë pë* contam em 12 mil nos seus muitos dedos e que possivelmente não conhecem os *napë pë*.

A maioria dos *napë pë* era de pele muito ou pouco escura e vinha para trabalhar na pista.

²⁹ Início da implantação do Projeto Calha Norte.

³⁰ *Venezuela thëri* – moradores da Venezuela.

O trabalho na pista e as facilidades de se conseguir as coisas dos *napë pë* atraíam pessoas de longe, do *Xitea*³¹ ao *Parahuri*,³² de sudoeste a nordeste, para trabalhar e ganhar “presentes”. Naquele tempo ganhavam 1,66 cruzado por hora, arroz e *xibé* (farinha com água e açúcar)... O pagamento é sempre feito em “coisas”.

Alguns não gostam, como o *Davi Pirisi thëri*:

— A gente trabalha muitas escuridões – o sol vem e a gente trabalha, trabalha, trabalha... o sol cai; o sol vem outra vez e a gente trabalha, trabalha, trabalha... o sol cai; o sol vem de novo e a gente trabalha, trabalha, trabalha... o sol cai. Ganha um calção. Eu vou caçar.

Mas a maioria se deslumbra com as coisas coloridas, cortantes ou metálicas.

Os *Pirisi thëri* trabalhavam com os *napë pë* e demoravam para fazer um novo roçado. O Chico ficava triste pensando que eles ficariam com fome mais tarde.

Os que vinham de longe, do *Xitea* e do *Parahuri*, completavam sua alimentação de arroz e *xibé*, na roça dos *Pirisi thëri*, que generosos, como todas as pessoas devem ser, não negavam comida aos parentes, mas se preocupavam com o de comer de seus filhos.

Esses que vêm de longe, ao voltar para suas casas, levam a *xawara* e ninguém fica sabendo o que acontece, já que não se fala dos mortos.

III

Chegam pelo céu os aviões grandes na pista... molhada, mesmo assim, de chuvas e nevoeiros que, por vezes, encobrem os picos e noutras os

³¹ *Xitea* – região das mais populosas entre os *Yanomami*.

³² *Parahuri* – *Yanomami* que vive ao norte.

vales. Aqueles que moram, ou podem ir, no lugar em que mora o Chico, já estão mais acostumados com os aviões. Chegaram perto, alguns entram... os aviões sempre trazem mais *napë pë* com suas coisas. Há pouco tempo, o avião grande vinha várias vezes por dia, carregado com as casas dos soldados que serão muitas; construídas retas, uma atrás da outra, sobre troncos de madeira, longe do chão. Sem lugar, como sempre na casa dos *napë pë*, para fazer fogo. No momento, uma está quase pronta: é a que será chamada de cadeia, onde serão guardados os que são ignorantes ou que fizeram ignorância – mesmo que sejam valentes...

Muitos *napë pë* já chegaram de longe, desde quando começou a outra chuva antes dessa. Eles começaram a chegar para trabalhar na pista: a pista onde no começo desceu o avião; a pista que existe desde o tempo de *Omãmë*.³³ Desde o tempo do dilúvio que isolou as pessoas na serra do Parima.

Esses novos forasteiros que chegaram para trabalhar na pista vinham de longe, sem mulher: do Pará, Rondônia, Nordeste... Chegaram e ficaram assustados quando viam os homens de rabo ou simplesmente com o pinto amarrado pra cima e as mulheres com tanga de algodão. Ficavam espantados: “São índios³⁴ mesmo, pelado e tudo!”

O povo da serra voltou a ficar por perto para observar e para pedir. Os *napë pë*, muitas vezes por medo, dão um ou outro presente, que é quase sempre sobra de comida, pés de frango que iam jogar fora, roupas usadas... Trocam por arcos, flechas, cestos, comida – banana, mandioca ou caça.

Existe grande vontade e precisão de ter as coisas do *napë*: os facões, a luz-fria-que-sai-do-braço. Uma das maneiras é trocar.

Com a construção dessa pista, apesar de ela estar inteira forrada de pedra – coisa que as pessoas já tinham feito junto com o pessoal do

³³ *Omãmë* – um dos primeiros *Yanomami* que caiu do céu.

³⁴ Na reprodução de algumas expressões orais, como nesse caso, foram mantidos termos usados coloquialmente no período em que o livro foi escrito. Nas demais ocorrências os termos foram adequados à terminologia atual.

Chico –, puderam começar a ganhar “coisa de *napë*”, vendendo seu tempo: trabalhando. Trabalhavam na pista. Mais tarde, durante a represa, aumenta a “febre do emprego” – já que os peões se recusaram a carregar latas de areia pra construção da barragem, da micro-hidrelétrica – que vai acender as luzes e fazer funcionar as máquinas das casas que os *napë pë* estão fazendo em cima da serra.

As pessoas trabalharam querendo ter as coisas dos *napë pë* pra poder trocar com os vizinhos distantes que não chegam perto: das quatro mil pessoas da Serra do Parima, somente setecentas chegam à casa do Chico sem medo.

Todos trabalham: os homens, as mulheres com as crianças nas costas, e as crianças... num caminho escorregadio, levando a areia lá de baixo, do pequeno *Farai u* até a cachoeira que existia acima.

Assim os *Tihisipora u thëri* trabalharam uma lua. Mais ou menos cem pessoas trabalharam... alguns ficavam doentes. Cerca de oitenta pessoas trabalharam por dia. Durante os dias em que trabalharam como formigas carregando areia para construir o conforto dos *napë pë* que estavam chegando, ficaram morando em *tapiris*³⁵ mal cobertos – uma vez que a floresta rala do alto da serra não é lugar próprio para se fazer as casas pequenas e provisórias – já que as folhas são estreitas.

Alguns ficaram numa casa que serve de alojamento para os de passagem, perto da casa do Chico, e muitos ficaram mesmo no hospital, principalmente quando tinham algum parente doente, o que não era difícil acontecer.

Recebiam comida enquanto trabalhavam na construção da cerca para prender o riacho: arroz branco duas vezes ao dia, farinha, açúcar e água durante o dia todo. Passavam no hospital durante o amanhecer e o anoitecer, pedindo algum remédio: com queixas, principalmente de tosse e dores no corpo.

³⁵ *Tapiris* – acampamentos.

Esse pessoal que trabalhou um mês inteiro seria pago de acordo com o número de latas de areia – latas de vinte litros – carregadas serra acima.

Carregaram muitas latas, que eram contadas com pedrinhas. Muitas pedrinhas... muitas... (3.500). Os *Aikam* (ë) *thëri*, principalmente os *Pirisi thëri*, já tinham carregado 2.500 latas de areia, que eram transformadas em pedrinhas, que por sua vez eram transformadas em dez cruzados... que por sua vez eram transformados em facões, sabonetes, roupas, lanternas, redes.

No mês de junho de 1986, o total pago pela empreiteira aos *Yanomami* foi, em cruzados, 35 mil, para ser dividido entre cem pessoas. Eram trocados materiais industrializados, terçados custando 110,00, e uma lanterna 200,00. As pessoas não entendiam: eram muitas pedras e cruzados;³⁶ é uma coisa misteriosa, mas as latas transformadas em pedra transformadas em dez cruzados são transformadas, por fim, em coisas-presentes pras pessoas, através da lente da confiança. Os que moram perto, é claro, são os que têm mais fácil as coisas que chegam de avião... e com elas adquirem um poder em relação aos mais de longe. E acirra ainda mais, por essas coisas, essa inimizade entre eles: para que não se aproximem dos *napë pë* e possam ter sem ágio as coisas que chegam de avião.

Quem mora perto, sempre que tem disposição pra pedir, pra conversar, pra fazer o jogo dos *napë pë*, ganha muitos presentes. Procuram o acampamento dos peões, e agora o dos soldados, e ficam simplesmente observando. O que pode também causar um acidente: um trator não é tão óbvio para uma pessoa da serra como para um *napë*. Uma máquina que anda – sozinha – fazendo barulho... E é uma questão de prestígio, andar feito um que veio do céu, em cima de um trator. Mesmo que sacoleje muito e deixe a bunda dolorida. Ficam simplesmente observando, curtindo... se divertindo com os costumes estranhos... Pode-se ganhar a comida e

³⁶ Em janeiro de 1986 a moeda brasileira era o cruzeiro. Até novembro de 1993, havia mudado de nome quatro vezes (cruzado, cruzado novo, cruzeiro, cruzeiro real) e perdido nove zeros. O que era um bilhão de cruzeiros em 1986 passou a ser um cruzeiro real. Em 1994 é introduzido o real. Ninguém entende mesmo.

ficar simplesmente observando, como já aconteceu – e não plantar roça. Pode-se trabalhar para os *napẽ pẽ*... ser pago em roupa... trabalham... preferem roupa... não têm sabão: começam a precisar de mais uma coisa... Em poucas luas passaram de “índios³⁷ de verdade mesmo, primitivos”, a “caboclos imundos”.

Surge uma pergunta: “Se os brancos se tornarem muitos na serra, o que eles vão comer e onde vão cagar?”

³⁷ Mantido o termo coloquial usado na época em que o livro foi escrito.

3 || Noite, Fogo, Escuridão

I

Noite... o sol caiu.

Normalmente as pessoas ficam dentro de suas casas. Os inimigos podem assoprar um pó causando-lhes a morte.

Fontes de luz na escuridão: os corpos celestes, os vaga-lumes e o fogo.

Esse é alimentado constantemente e mantém o *xapono* aquecido. A iluminação varia de acordo com as conversas, os afazeres, o frio, o número de pessoas. O-que-sai-do-fogo sobe pela abertura do teto ou através das palhas.

Lá fora é a escuridão, as cobras, os inimigos, as coisas dela mesmo... Coisas da escuridão.

Caso necessário, as saídas noturnas são feitas à luz de tições. Caga-se rapidamente na porta antes que os inimigos assoprem feitiços.

O fogo... única fonte de luz portátil que dá calor... queimando.

No começo, quem tinha o fogo era o jacaré. Só ele é quem podia comer as lagartas assadas. Escondia-o na boca e por isso hoje tem a língua pequena, já que o fogo a queimou.

O fogo foi roubado do jacaré e escondido em algumas árvores. O *kori a*,³⁸ que hoje tem o rabo amarelo, foi quem voou e deixou o fogo no cacaueiro: esfregando-se dois pedaços do cacaueiro com trabalho e esforço sai uma faísca pequena que, atizada em meio a gravetos secos, vira o fogo. Todos podem cozinhar seus alimentos.

Os *napë pë* conhecem muito bem o fogo, apesar de não conhecerem o cacaueiro e o jacaré. Não sabem também das árvores da chuva ou das

³⁸ *Kori a* – pássaro que vive em bandos, que constrói vários ninhos numa mesma árvore. Japinim, japim.

árvores que sustentam o céu. Não sabem do *xapori* que canta e ajuda a segurar o céu para que ele não caia. Não sabem que o céu é velho e vai cair...

Por isso, talvez, matem os jacarés, as florestas e os *xapori pë*. Não percebem a importância das coisas da Terra.

Outras coisas os *napë pë* sabem.

Do fogo parecem saber tudo: têm os palitos que acendem sem esforço, os isqueiros, as *pokoximapë* – o-que-sai-do-braço –, que eles chamam de lanternas.

O pessoal da serra aprendeu depressa as partes da lanterna: o olho, lâmpada para os *napë pë*, os caroços, que os *napë pë* chamam de pilhas; e o cu, que é o lugar por onde trocam as pilhas... Luz fria e clara saindo do braço pra procurar coisas no escuro e espantar a escuridão.

Com o tempo, o olho começa a ficar cego, pois os caroços vão ficando fracos e morrem. As pessoas começam a precisar de caroços novos e fortes que não sabem fazer. Depois a luz não sai mesmo com caroços novos. A lanterna estragou-se... As pessoas ficam precisando... Começam a se sentir pobres, como eles dizem...

II

Moxahe thëriyoma chamava-se de *Tixokopi u thëriyoma*: mulher que mora no rio que tem muito beija-flor. Por ter uma filha que foi roubada entre os *Aikam (ë) thëri*, a mãe da Olívia, e uma neta de cinco anos, a Olívia, casada com o *xapori* mais velho do *Pirisi*, ela podia transitar livremente por essa região. Era a embaixatriz... e a jornalista.

Destacava-se na pista de pouso com o rosto pintado de lágrimas e carvão e o sorriso combinando com a cor do céu brilhante das penas de *seisi a*³⁹ que trazia nas orelhas displicentemente.

³⁹ *Seisi-a* – pássaro de plumagem azul-celeste brilhante, usada como adorno.

A tia carinhosa conversava muito com alguns dos *napë pë*, que não sabiam escutá-la. Ofereceu-se para acompanhar os *napë pë* até o *Xirimihikë*⁴⁰ e carregar a caixa-de-água-fria com o líquido da *xawara* em troca do metal grande que tanto precisava e queria.

No caminho, ia trocando notícias com outras mulheres do *Pirisi*. Compridos discursos descendo as ladeiras, gargalhadas nos igarapés e silêncios nas subidas. Vez ou outra parava e pedia aos *napë pë* que fossem também com seus remédios até sua casa, onde os seus tinham vermes e morriam quando chegava a *xawara*.

A caixa-de-água-fria era pesada. A moradora do rio que tem muito beija-flor, apesar de ter brincado no igarapé batendo no ventre e comentando sua juventude e a possibilidade de estar grávida em seus aproximados setenta anos, cansou-se.

No *Xirimihikë*, ficou na rede. Reclamava... e contava novidades. Na volta, após algumas noites, não brincava mais nas paradas.

— Minha tia, não fique assim você que é nova e pode até estar grávida...

— É mentira... Eu falei simplesmente por falar, obviamente... Sou velha e há muito tempo não trepo... Estou me sentindo outra...

Deitava-se no chão.

Mesmo assim queria continuar carregando a caixa-de-água-fria para ganhar o metal grande que lhe era muito importante. Ao passar pela roça dos *Pirisi thëri* encheu o seu cesto de bananas. Não aguentou e largou a caixa-de-água-fria, continuando apenas com seus cinquenta quilos de bananas pela ladeira, que se demora um décimo do dia para subir.

Descansou, e reclamou, por alguns dias.

Tirou as penas das orelhas e foi-se com o facão novo para as margens do rio que tem muito beija-flor. Estava com saudades.

⁴⁰ *Xirimihikë* – montanha com muita *xirimihikë*, um tipo de árvore.

Para chamar *Tixokopi u thëriyoma*, o *napë* dizia tia/sogra... Outras vezes se encontraram e ela ensinou o *napë* a falar e cantar.

Uma vez, o trator trabalhava na pista durante a noite. A tia deslumbrou-se com os ótimos olhos-faróis que enxergavam longe. Profunda conhecedora de lanternas e carochos, começou a perguntar sobre o tamanho e a duração dos que eram usados no trator.

Informada sobre o assunto, deu-se por satisfeita. Mas:

— Como se faz água-de-fogo que o trator bebe? Ela corre em rios?... Como voarão os aviões quando ela acabar?

III

Durante a construção do limpo para que os aviões grandes descessem, os *napë pë* mostraram um outro tipo de fogo: um grande e barulhento que faz a terra tremer e que joga longe as pedras grandes. As pessoas ficaram assustadas...

Os *napë pë* têm outros tipos de fogo e de claridade. Nas grandes aldeias dos *napë pë* a noite é clareada com muitas luzes. Fica parecendo dia... Os *napë pë* não ficam em casa com seus parentes. Andam na claridade ouvindo as máquinas e os espíritos dos mortos que saem do rádio e da televisão.

Andam na claridade de muitas lâmpadas que não precisam de pilhas/caroços. Precisam apenas cercar os rios e alagar florestas com os viventes delas. Cachoeiras e animais desaparecem...

Em suas aldeias iluminadas os *napë pë* não veem as estrelas e a luz. Não sentem o peso do céu... Não escutam a onça e os espíritos da floresta... São valentes mesmo... Não têm medo de nada... Sabem tudo do fogo.

Algumas aldeias fazem um fogo tão grande que as outras ficam bravas e com medo caso o acendam. A sua fumaça, como é de esperar, causa doença que os próprios *napë pë* não sabem curar.

A comida que tem essa fumaça invisível fica estragada, e os *napë pë* mandam para as aldeias mais pobres onde trabalham nos dias e noites claras fazendo metais, carros, remédios, venenos, fogo, armas... Onde as mulheres têm um filho por ano e a maioria morre antes de estar falando direito. Onde os mutilados feitos pelas máquinas exibem suas feridas pedindo o que comer.

Havia os *napë pë* que passavam fome para que outros construíssem um grande fogo... e grandes aviões para chegar às estrelas...

4 Remédios

I

Potomatha thëri, moradores de lugar que tem muita mutuca, é como os *Pirisi thëri* chamam os *Yarimë u thëri*, moradores do rio Macaco-Prego. Pouco eles veem os *napë pë*, já que são inimigos dos *Tihisipora u thëri*, que sempre vão à casa do Chico.

Chegaram à tarde num grupo de vinte. Queixas de verminose... Os *napë pë* deram o caroço que faz os vermes morrerem, embora isso resolva o problema só por pouco tempo.

A velha examinou o comprimido bem de perto, seguro na palma da mão esquerda, sob diversos ângulos. Demorou-se... Apanhou-o com a pinça da mão direita – polegar e indicador – e aproximou-o mais dos olhos... As *Pirisi thëriyomapë*⁴¹ acostumadas a engolir comprimidos com presteza, olhavam, riam, e começaram a torcida:

— Engole, engole!

Ela colocou o comprimido na língua com os dedos, enquanto a torcida gritava para que engolisse e tomasse água. Tomou uma cuia de água, tossiu, fez uma careta e cuspiu na mão o caroço que não foi capaz de engolir. Pediu mais água, colocou o comprimido bem fundo na garganta e tragou-o num gole grandioso. Fez nova careta e saiu de perto...

Engoliu pela primeira vez o caroço mágico que o povo que veio do céu trouxe...

⁴¹ *Pirisi thëriyoma pë* – mulheres do grupo dos *Pirisi thëri* (moradores do campo do alto da serra).

II

As pessoas da serra não conheciam os líquidos que moram nas caixas-de-água-fria e que espantam as epidemias, assim como muitos *napë pë*, que também os desconhecem ou duvidam de seus efeitos. Fazendo o corpo ficar amargo, para que a *xawara* não o tome. E tinha líquidos para diversos tipos de *xawara pë*, menos para a que mais estava a chegar e a matar – a que chamam gripe. E as pessoas tinham medo das injeções, mas muito mais das *xawara pë*, e assim aceitavam as agulhadas... muitas e repetidas... embora a *xawara* gripe chegasse sempre.

Muitos continuavam fugindo ou procurando desculpas para se safar do estranho líquido frio injetado na carne. Por vezes, a recusa era uma negativa simples e seca.

As pessoas eram diferentes e os porquês das doenças – ou melhor: dos doentes – eram diferentes. E eram diferentes o como e o porquê daqueles líquidos da caixa-de-água-fria... O *napë* pensava saber explicar o como; mas as pessoas queriam saber o porquê. E talvez fosse já uma diferença inicial e básica.

Líquidos misteriosos que pareciam vivos e que morriam fora da caixa que guardava água-fria-e-dura-feito-pedra e não mais faziam seus efeitos contra *xawara pë*.

Os *napë pë* queriam furar pessoas com os líquidos certos e pessoas certas em número de vezes também certo, conforme pedia a magia de cada um dos líquidos. Por isso, tanto queriam saber o nome das pessoas. Essas não possuíam nomes ou não podiam ouvi-los, já que seu som e significado quase nunca eram agradáveis ao ouvido e ao pensamento.

Os *napë pë* têm a máquina de olho grande que desenha a pessoa tal como ela é na superfície de papel: rouba a imagem... que é espírito; um dos vários que possui uma pessoa. Acontecendo isso, este não continuava

tranquilo depois de deixar a casca vazia... Como as pessoas não queriam ter sua imagem na superfície do papel, os *napẽ pẽ* tiveram que saber como as pessoas se tratavam entre si: que era de cunhado, sogro, irmão, tio, mulheres... Alguns eram sozinhos.

E mesmo que os *napẽ pẽ* começassem a chamar as pessoas com nomes que são da boca deles, as pessoas muitas vezes os esquecem ou dizem de um jeito diferente, onde Alfredo vira *Aforeto* e Paulo fica sendo *Paro a...* e, mesmo que alguns tivessem nomes conhecidos, era sempre perigoso perguntar por eles: pode ser que tenham morrido e seus parentes fiquem com saudades – e bravos. Amigos não se procuram para se fazerem bravos ou tristes, coisas que já estão sendo devidamente feitas pelos inimigos ou por aqueles que não têm o pensamento gostoso.

Os *napẽ pẽ* que traziam as águas que chamam vacinas não sabiam como fazê-las, eles mesmos. Também não eram feitas em Boa Vista ou em qualquer de suas aldeias, que existem nesse mesmo rio abaixo que eles chamam de Amazonas. Aldeias que nasceram da espuma do sangue das pessoas da serra feita nas corredeiras do rio.

Elas vêm de longe, das margens de um outro rio, ou mesmo do outro lado da água grande, que não se vê estando neste pedaço de chão onde fica este mundo.

Esses líquidos já chegam em Boa Vista dentro da caixa-de-água-fria e, lá, ficam guardados por muitas luas até serem injetados nas pessoas; e ninguém sabe direito se ainda estão vivos fazendo seu bom efeito de fazer o corpo ficar amargo e não desejado pela *xawara*.

Para conseguir que o líquido vacina chegue até a serra, os *napẽ pẽ* que o trazem, por não saberem eles próprios produzir o líquido, precisam pedi-lo na superfície do papel aos *napẽ pẽ* que são Funai. Estes, por sua vez, marcam outro papel pedindo às pessoas que ficam na casa que chamam de Secretaria de Saúde e que, por sua vez, fazem outro papel, que mandam a outra casa onde são guardados muitos remédios, que eles chamam de Central de Medicamentos. Isso pode demorar muitas noites.

Pode ser que em tantos papéis os *napë pë* se enganem em qualidade e quantidade dos líquidos, e acabe por faltar alguns quando chegam na serra. E para que cheguem, de avião, depende de que o dono do avião possa e queira chegar na serra: rádio conversando para dizer se chove, se o céu está limpo e a pista seca.

E depende muito mais dos *napë pë* que são Funai, que podem deixar ou não as coisas acontecerem com o povo da serra.

E o querer e o poder dos *napë pë* que são Funai, mesmo dos que são chamados de chefes, dependem ninguém sabe direito de quem.

Ninguém assume. Responsabilidade não existe. Competência também não.

Muitas vezes os *napë pë*, mesmo estando com seus remédios na serra, não conseguiam chegar até onde as pessoas estavam morando definitiva ou provisoriamente. Muitos, pela desculpa de que moravam longe demais... apesar de existirem helicópteros. Nos lugares mais afastados os *napë pë* não chegam andando, por não saberem o caminho... não conseguem guias da própria serra, pois existem grandes inimizades entre as pessoas que moram longe... ou, simplesmente, porque os de perto da casa do Chico não querem que os de longe conversem e tenham as coisas dos *napë pë*.

Mesmo os que moravam perto da casa do Chico não eram encontrados cada vez que os *napë pë* vinham com os líquidos das epidemias. Uma vez foram no *Xirimihikë* e ficaram sabendo que grande parte deles estava no *Topora*.⁴² Quando chegaram lá, os *Xirimihikë thëri* já tinham regressado à sua casa no *Xirimihikë* junto com muitos *Toporathëri*,⁴³ que faziam uma nova roça perto do *Xirimihikë*. Foram de novo, no *Xirimihikë*, os *napë pë* com líquidos e agulhas atrás das pessoas.

As crianças *Topora thëri*, estando em acampamento na roça, onde ainda não existia *xapono*, fugiram sem muito esforço do remédio doloroso.

⁴² *Topora* – nome de cachoeira.

⁴³ *Topora thëri* – moradores do *Topora*.

E o número de pessoas furadas com o líquido protetor não era tanto quanto os *napë pë* esperavam. Os resultados melhoravam à medida que as pessoas e os *napë pë* iam se conhecendo mais e melhor.

Se, por um lado, as pessoas demoram a entender o líquido das caixas-de-água-fria, que faz efeito se tomado quando ainda não possuídos pela *xawara*, por outro já conheciam há mais tempo outros líquidos-remédios, mais saborosos e menos dolorosos, com vantagem de alívio imediato quando a pessoa está doente: diminuía dores e temperatura repentinamente, aliviavam ânsias de vômito... e por que não de medo? Faziam morrer vermes visíveis e invisíveis. Muitas vezes não melhorava nada... são sintomáticos e não curam de verdade... e curar de verdade quem sabe é o *xapori*, que viaja em batalhas com espíritos descobrindo porquês de doentes.

Muitos gostavam de tomar remédios e pediam, principalmente os adocicados, simplesmente por pedir, mesmo sem sentir incômodos. O *napë* que tinha os remédios, na maioria das vezes, não escutava o que as pessoas falavam e dava logo qualquer um que existisse em quantidade ou que estivesse à mão.

As pessoas começaram a ficar precisando de remédios... e, principalmente por isso, muitas vezes toleravam *napë pë* de que não gostavam vivendo em seu mundo: precisavam de remédios que os *napë pë* traziam... apesar de serem eles também quem traziam as *xawara pë*.

Os *napë pë* construíram casas para que se tornassem lugares onde as pessoas se ocupassem tão somente de dar e tomar remédios... e essa era ocupação das mais importantes que os *napë pë* tinham antes de começarem a ser muitos. Sempre que se tornam muitos, ocupam-se em construir pistas de pouso, casas, represas... ou procurar tais terras e pedras valiosas nos igarapés.

No caso de existirem essas casas especiais, que chamam farmácias ou hospitais com grandes facilidades em ter remédio, as pessoas se acostumavam a estar sempre tomando algum remédio... Carecia de ter uma

certa ordem na relação entre os muitos que pediam e o único, caso raro mais de um, que dava. E muito pediam e muito ganhavam, e muitos motivos existiam para tanto consumo de líquidos e caroços... e era diferente o motivo pelo qual as pessoas pediam e os motivos pelos quais davam as que tinham.

Pediam por sentirem incômodos, curiosidade ou costume. Por acreditarem em um efeito tardio qual o dos líquidos das caixas-de-água-fria... por ser um motivo para tentar conversar com os *napẽ pẽ*... ou mesmo porque uns poderiam se sentir mais importantes tendo tomado mais remédios que outros.

Davam remédios muitas vezes por medo das pessoas que costumavam ficar zangadas quando pediam e não recebiam, já que existiam tantos guardados. Ou dando logo qualquer coisa, as pessoas não faziam aquilo que os *napẽ pẽ* chamam de “encher o saco”, o que vez ou outra diziam para as pessoas não fazerem... ao que muitos da serra respondiam pedindo a superfície mole transparente e impermeável que as máquinas dos *napẽ pẽ* fazem com perfeição: um saco de plástico.

Tinham boca, orelha e motivos diferentes.

III

Os *napẽ pẽ* que normalmente existem distribuindo remédios na serra não são dos que, dentre eles, sabem dos remédios mais acertados em efeitos e quantidades para tal ou qual moléstia. Esses vivem mais nas grandes aldeias e são os que eles chamam doutor, que o pessoal da serra escuta e repete *toto* ou *dodo*, significando – nos dois casos – alto. Raramente vinham à serra.

Os que sempre cuidavam dos remédios na serra eram os que na cidade se ocupavam simplesmente de olhar no papel o que outro que mais soubesse tivesse prescrito, e assim ministrar caroços, líquidos ou espetadas...

Muitos doentes, que não respondiam ao tratamento feito na serra, eram transportados de avião para Boa Vista, a fim de terem seus problemas resolvidos à base de líquidos e caroços... serem olhados por máquinas que olham por dentro as sombras de ossos e vísceras e, por fora, pelas que fazem olhar grande através de matérias saídas do corpo – espontânea ou violentamente... Por vezes, o tratamento exigia que um órgão precisasse ser consertado, substituído, ou simplesmente retirado e jogado fora... entre os *napê pẽ* existem muitos mutilados e consertados com lâminas e fios. Com órgãos ainda vivos dos que já morreram... muitos inválidos e deficientes, apesar de tudo.

Ir para Boa Vista era muitas vezes complicado e perigoso, principalmente para um que estivesse doente. Para muitos é impossível, desde chegar até onde os aviões caem no alto da serra perto da casa do Chico, por motivo de amizades – mais por falta de –, ou pela desfavorabilidade do próprio corpo, do relevo ou do tempo. Sendo o transporte de um o lombo de outro torna-se mais longo o caminho, com maiores barreiras e dificuldades.

Para um que está doente, e assim com avarias nos espíritos, pode parecer de grande risco uma turbulenta viagem acima das nuvens, quando mais espíritos poderiam se amedrontar e partir, deixando o corpo ainda mais vazio.

E muitos outros medos existiam para se viver, mesmo provisoriamente, na cidade dos *napê pẽ* que era rio abaixo... Tempo de percurso diferente, andado pela floresta ou voado sobre, tornava diferente a mesma distância. Lá o clima era outro e muito mais quente, e os viventes, na maioria estranhos: pessoas, animais e floresta. Alimentos diferentes, ou mesmo proibidos, era o disponível... e não raras vezes... insuficiente. Medo do procedimento a ser indicado pelos que dentre eles decidiam... Muitos eram

os casos conhecidos em que um, apesar de submetido a tratamento, não tinha sarado, ou tinha mesmo piorado. Impossibilidade de exprimir suas ideias e necessidades na língua da maioria que lá se encontrava. Alguns fugiam de medo e lançavam-se no longo caminho rio acima... mulheres eram raptadas. Homens podiam encontrar inimigos. Os que tinham mesmo doença grave voltavam mortos.

Dos que voltavam, cada um contava história diferente... ou trazia doenças diferentes conforme eles passavam de uma pessoa a outra na casa-hospital em que ficavam doentes diferentes... e assim, depois que um ia pela primeira vez, acabava precisando sempre voltar... mais que os que tinham sempre ido.

Para um que vem da serra, após o medo das alturas, o susto aumenta por tantos tipos de avião que existem na pista de Boa Vista – existem inclusive os filhotes – sem-asas-ainda, para os que conheciam somente aviões e não sabiam de automóveis. Longos caminhos de pedras pretas cercados de casas eram percorridos rapidamente... não se viam roças... águas sujas às margens dos caminhos de pedra... água de beber não se via... não se via lugar para que um se aliviasse daquilo que sai da bexiga ou dos intestinos.

Pensava-se na generosidade de algumas pessoas que tantos presentes penduravam do lado de fora de suas casas e ficavam na porta esperando que alguém os pedisse... Assim acontecia com roupas, ferramentas, remédios... e com comida. A necessidade de cada um era regulada pela quantidade de papel-cruzado de que dispunha... e nisso possuíam grande diferença entre o muito e o pouco... um sempre acha que tem pouco e os outros muito mais... Mesmo os que têm muito em relação aos que não têm nada.

E tinha muita gente feia. Estranha....

Uma pessoa fica triste quando não tem com quem conversar ou coisas de que precisa pra viver: de água e amor. Muitos remédios para dor de barriga engoliam quando pediam por água ou comida. O corpo e o pensamento empobreciam.

O pensamento de um, quando fica precisando à toa, simplesmente, de outro, acaba ficando com saudade ou tristeza. E estavam num lugar em que eram tidos por ignorantes e sujos: primitivos.

Assim aconteceu com *Piyo*: precisava tomar durante seis luas o remédio que matava a *xawara*-tuberculose. O tratamento foi começado por três vezes. Ele fugia, deixando o rastro da doença por onde passava demoradamente ao subir o rio no seu longo regresso.

Muitos *napë pë* tomam mais remédios que alimentos.

Há algum tempo os filhos do Esmeraldo, como as demais crianças e adultos *Tihisipora u thëri*, vinham emagrecendo. Para isso tinham motivos.

Constantes *xawara pë* traziam indisposição para a caça e o plantio, quando não estavam trabalhando para os *napë pë* em troca de seus presentes. As roças encontravam-se divididas para as intenções da ingestão das cinzas dos vários mortos recentes... também não podiam comer de sua roça rio abaixo perto do Mucajaí, onde eram atacados pelos *Maraxi u thëri*⁴⁴ que se aproximavam cada vez mais, já que chegavam os muitos garimpeiros pelo outro lado. Tornavam-se poucas a comida e a floresta. Aumentavam a guerra e as doenças.

A filha mais nova da mulher mais nova do Esmeraldo ficou querendo morrer e foi levada com a mãe para Boa Vista. Como o avião desceria no lugar que os *napë pë* chamam de Couto Magalhães, onde existem *Maraxi u thëri* inimigos, o pai não pôde acompanhar a família como era esperado até o momento do embarque.

No *Paapi u*, a mulher ganhou beiju e tabaco para que não ficasse necessitada quando estivesse na cidade... tinha ganho do Chico um calção e uma camiseta para que chegasse embrulhada, como era de conveniência.

⁴⁴ *Maraxi u thëri* – designação dos *Yanomami* da região de Surucucus aos moradores da região do rio Couto de Magalhães. Conhecida pelos *napë pë* como *Paapi u*.

Ao chegar em Boa Vista, por ser grave o estado da criança, foram levadas ao hospital dos *napë pë*, e não ficaram no lugar que chamavam de Casa do Índio,⁴⁵ onde algumas vezes existiam pessoas conhecidas pelas da serra.

A criança respirava com dificuldade... a mãe, nervosa, muito falava e amedrontava os muitos *napë pë* presentes que não a entendiam. Davam-lhe remédios para abaixar a febre e banhos. Só isso.

Passou-se a primeira noite. No outro dia, quando o sol ainda estava alto no céu, os espíritos retiraram-se do corpo fraco deixando-o definitivamente vazio. Com a casca vazia nos braços e entorpecida de dor, a mulher tinha ânsias de sair pela cidade desconhecida, o que fez com que fosse trancada numa sala onde falava e chorava forte... sozinha.

Reclamava pedindo a faixa em que sempre carregou o filhote para que tivesse seu fim juntamente com o corpo, conforme o prescrito, para que os espíritos não voltassem a procurá-la... e reclamava do calção que ganhara do Chico e que na cidade havia sido trocado por um pano grande conforme uso das mulheres... esse era velho, feio e estragado.

Chorava. Não existia avião, mesmo que filhote, que pudesse levá-la no mesmo dia para a serra para chorar com seus parentes. Os *napë pë* queriam trancar o corpo da criança num caixão, o que a mãe não deixou e ficou com ele embrulhado com muitos panos nos braços chorando... alguns *napë pë* achavam indispensável que o corpo só saísse dentro da caixa de madeira, com a mãe à devida distância.

No dia seguinte foram no avião que, ao chegar na serra, não conseguiu ver a pista para cair em terra, já que existiam muitas nuvens... sacolejou e voltou para Boa Vista.

Chorava ainda sozinha... o corpo inchava e perdia líquido no colo da mãe. Fedia. No fim da tarde o avião desceu na serra, onde os parentes esperavam e assim choraram juntos a saudade da que se foi. O pai estava doente com tosse, falta de ar e febre.

⁴⁵ Atualmente denominadas Casa de Saúde Indígena (Casai).

Parada cardiorrespiratória foi o que os *napë pë* escreveram no papel resumindo a história da criança... para a mãe, o que causou a morte foi a cebola existente nos alimentos dos *napë pë*.

E, mesmo tendo ido ao lugar onde existem muitos *napë pë*, não ficou sabendo se esse tal lugar era debaixo daquele mesmo céu do seu mundo, que é velho e sustentado pelas árvores altas e pela força dos *xapori pë* que, em transe, seguram-no quando sentem que vai cair.

5 ▨ Um dos *Napë pë* Era Eu Mesmo

I

No começo, com um papel e uma caneta, o *napë* desenhava o esquema de um corpo, onde as crianças reconheciam as partes e começavam a ensinar, na sua fala, como se diz barriga, nariz, orelha... Quando via um bicho sendo estripado, aprendeu os nomes das tripas, do coração, fígado... A palavra mágica – *Witi pi thë thu?* –, que o *napë* falava sempre, foi lembrada depois por um dos que chamavam o *napë* de sobrinho.

Outros *napë pë* já tinham feito papéis-dicionários, gramáticas, e algumas construções de frases – que o *napë* ficava pensando no papel. As pessoas de lá não as entendiam lidas-faladas da superfície. Entendiam algumas e esclareciam, ensinavam como falar direito.

Eles falavam que o *napë* tinha a orelha entupida, pois não entendia sua língua. E que era mudo – *Aka a pore* – que seria, ao pé da letra, “língua de fantasma”.

No começo, as crianças mais curiosas chegavam. As velhas, que não sabiam que o *napë* não conversava nem escutava, falavam. E, pouco a pouco, o *napë* foi aprendendo.

Quando o *napë* sabia falar o essencial – com uma certa insegurança –, começou a ficar nas *xapono pë* sem outros *napë pë*. O que era preocupação tanto para os *napë pë* que ele chamava de amigos, como para as pessoas da serra...

Viam o *napë* sozinho e ficavam preocupados caso morresse na floresta... O *napë* não ia ter parentes pra chorar sua morte, pra levar seu corpo pro mato, deixar pendurado até que se decompusesse e os ossos secassem. Ele não tinha os parentes que fossem queimar seus ossos, fazer o pó, guardar... Não tinha lá os parentes que iam plantar uma roça, fazer uma festa na qual fossem tomar as cinzas – que é o que ia sobrar do corpo...

Muitos cuidados eles tomavam com o *napë*.

E o *napë* também era cuidadoso com aquilo que podia estar mudando no que as pessoas eram desde que o mundo começou.

II

No *Mayëpë u*⁴⁶ o *napë* conheceu os moradores do rio do Macaco-Prego: *Yarimë u thëri*. Era assim que o velho falava:

— Eu moro rio abaixo, perto da boca do *Yarimë u*.⁴⁷ Nós nos chamamos *Yarimë u thëri*. Eu sou muito sozinho, eu sou sozinho. O único velho. Os *napë pë* do helicóptero me chamaram de *Tixawa*.⁴⁸ Meus filhos, meus netos, meus genros, minhas mulheres... [apontava os citados].

O velho estava sentado fora do *xapono*, no *Mayëpë u*, e suas filhas arrancavam os bichos-de-pé que ele já não enxergava mais pra tirar. As netas brincando, os primos conversando.

O *napë* tinha chegado há pouco da casa do Chico e, cansado, tinha ido tomar banho. Alguns acompanharam para pedir sabão, matar a curiosidade de ver o *napë* pelado, conferir se tinha pinto, se tinha saco, reparar nos muitos cabelos e pelos...

Voltando do banho, o velho continuou: ele era *xapori* e veio pra curar o *xapori Mayëpë u thëri*⁴⁹ que estava doente.

⁴⁶ *Mayëpë u* – rio do Tucano.

⁴⁷ *Yarimë u* – rio do Macaco-Prego, afluente esquerdo do *Ximixi u*.

⁴⁸ *Tixawa* – denominação de chefes indígenas, utilizada pelos não indígenas; variação de *Tuxaua*.

⁴⁹ *Mayëpë u thëri* – grupo que vive às margens do *Mayëpë u*.

O *napë* trazia remédios, trazia a caixa-de-água-fria-e-dura com o líquido das epidemias. Era a terceira vez que ele vinha ao *Mayëpë u*. Nunca tinha ido ao *Yarimë u*. Mas o velho contava:

— Outros *napë pë* já foram na minha casa, de helicópteros, *tuki tuki tuki tuki tuki tuki tuki tuki tuki tuki ...kriushh* – aterrissagem. Essa noite eu vou dormir aqui. Amanhã vou fazer *xaporimou*⁵⁰ de novo, depois de amanhã eu vou embora. Quando o sol estiver pequeno, eu vou indo devagar... O sol vai pelo meio do céu... Quando ele estiver quase caindo, eu chego lá. Eu quero que você vá comigo. Nós também queremos o líquido pras epidemias, caroço pras lombrigas... Você tem também *kamikari u*⁵¹? Nós temos *kamikari* no peito...

Nada ficou combinado.

Os demais *Yarimë u thëri*⁵², da comitiva do *Tixawa*, diziam que ficariam muito contentes caso o *napë* fosse com eles. Diziam que eram muito bons, que tinha muita comida na sua roça... que o *napë* não iria passar fome e que lá embaixo, depois da cachoeira, tinha muito trairão.

Enquanto isso, os *Mayëpë u thëri* iam-se manifestando contra a ida do *napë* ao *Yarimë u*. Falavam do caminho longo, com muitas subidas, que atravessava o *Mayëpë u* várias vezes: “Não vá!”.

Outro dia se passou no *Mayëpë u*.

O *xapori* do *Yarimë u* cantou o dia todo, como combinado. E o *napë* vacinando, tratando as lombrigas e alguns casos de gripe.

O *Mayëpë u thëri* não queriam, de jeito algum, que o *napë* fosse para o *Yarimë u* e, talvez, desse presentes... Sem entender muito a língua, o *napë* não podia tomar uma decisão. Tentou explicar a importância de conhecer todo o mundo; que se um grupo ficasse doente, o outro também ficaria; que queria ir para o *Yarimë u thëri*; que não tinha medo de andar e

⁵⁰ *Xaporimou* – praticar o xamanismo (*xapori* = xamã; *mu* = verbalização)

⁵¹ *Kamikari u* – remédio líquido para *kamikari*, doença consumptiva associada a espírito de mortos.

⁵² *Yarimë u thëri* – moradores do Macaco-Prego.

confiava nos *Yarimë u thëri* como confiava nos *Mayëpë u thëri* e em todas as pessoas da serra.

O *napë* dormiu sem saber se ia ou não.

Os *Mayëpë u thëri* e os *Yarimë u thëri* durante toda a noite discutiram. E os trechos que o *napë* entendia mostraram-lhe que a discussão acontecia sobre sua viagem, às vezes num tom exaltado. O *napë* queria ir. Não podia ir se os *Mayëpë u thëri* não deixassem. Não sabia falar claramente porque queria ir.

Dependia deles.

Parece que os *Yarimë u thëri* convenceram os outros. No dia seguinte, o cunhado-chefe do *napë* acordou-o cedo e disse:

— Vai logo que o *Yarimë u* é longe...

III

Dois *Mayëpë u thëri* foram para ajudar o *napë* a carregar as coisas que não conseguia sozinho, pedir algum pagamento e lucrar de alguma forma com a viagem. O *napë* levava rede, cobertor, remédios, gelo, faca, papéis, canetas... as pessoas levavam o arco e as flechas, um estojo de pontas de flechas, facão...

Um deles levava um cacho de bananas maduras, pendurado na mochila de remédios. Como o peso era muito, logo após a primeira água fizeram um cocho de folhas largas, aparentadas com as da bananeira; com folhas menores dobradas, fizeram cuias, tomaram todo o mingau de banana: diminuiu o peso.

E o caminho seguiu de frente para o sol. De manhã pro Leste... Por volta do meio-dia pro Norte. Ao fim da tarde acompanhávamos o sol pro Oeste. Um grande arco, descendo o *Mayëpë u*.

Na maior parte do tempo andaram por terras altas, outras vezes dentro de igarapés. A atenção à comida que podia aparecer no caminho era constante. Nos troncos podres das pupunheiras das roças velhas procuravam-se larvas... Algumas rãs e um mutum seguiam esquadrejados e embalados em folhas, prontos para o fogo.

No fim da tarde, os dois *Mayëpë u thëri*, numa rápida parada, fizeram suas redes de envira.

A próxima parada, no rio grande *Ximixi u*, o banho pra se chegar limpo no local a ser visitado... muitas mutucas – o *napë* entendeu por que os *Pirisi thëri* chamavam os *Yarimë u thëri* de *Potomatha thëri* – moradores do lugar que tem muita mutuca.

Muita lama no caminho do rio pro *xapono* no alto da colina – caiu uma chuva rápida. Teve muito movimento, grande, quando chegou o *napë*, pela primeira vez andando a pé. Um guerreiro ficou o tempo todo discursando, com um machado no ombro, gesticulando. Dizia-se muito contente com a visita, mas sempre com o machado.

O *napë* saiu da maloca pra mijar e ver como era lá fora: o sol indo e a lua vindo, quase cheia. A primeira estrela aparecia no céu... O barulho dos bichos do mato e o de uma cachoeira grande, perto do rio...

O *napë* olhava pro céu, pro mato, pra lua, pras estrelas como se fosse pela primeira vez...

O homem olhava pro corpo do *napë*, quase dois palmos maior que o dele: mais grosso, coberto de pelos. Cabelos com uma ligeira cor de fogo. Olhos claros de fantasma – onde não se pode ver com exatidão a própria imagem refletida como nos olhos que são escuros...

O *napë* deslumbrado com o céu, com a floresta.

Ele com os pelos, com o *napë*...

Então o homem perguntou:

— Cunhado, na sua terra o céu continua ainda? Você mora debaixo desse mesmo céu?

IV

A mulher do *Tixawa* contou que já tinha ido pra Boa Vista, há tempos atrás –no tempo em que os helicópteros desceram – quando teve uma *xawara* braba... Ela ficou morando lá várias luas, tomando remédios todos os dias.

Contou a mulher do *Tixawa* que em Boa Vista chorou muito de saudade dos parentes. Ficou com muita vontade de comer banana e mandioca. E que os *napë pë* só comiam arroz e farinha. Que conheceu outras pessoas que moravam longe, talvez *Xamatari* ou *Parahuri*, que ela não tratava de amigos. Na terra dos *napë pë*, em Boa Vista, fazia muito calor e moravam muitos *napë pë* na beira de um rio grande. Muitas casas... Nenhuma roça.

Davam comida salgada. Não tinham caça. Os *napë pë* tinham vaca, que é um bicho que não existe na floresta – uma mistura: grande feito a anta, com chifre feito o veado... mas que é um animal que os *napë pë* criam e que as pessoas da serra chamam de *hiima*⁵³ – um animal que se cria e que não se come. As pessoas não comem a carne da vaca... Achavam, realmente, que era muito ruim criar um bicho, engordar... pra matar ele... sem nenhuma defesa... pra comer!

“Célia” contou que veio de Boa Vista, que o avião vem rápido!...

O sol andou pouco no céu e ela já tinha chegado na terra dos *napë pë* até Surucucu, à casa do Chico... saiu de Boa Vista fazia calor... na serra era mais frio, mais agradável... Voltou pra casa. Os brancos nunca mais vieram de helicóptero... ainda...

⁵³ *Hiima* – qualquer tipo de animal de estimação.

V

As pessoas de perto da casa do Chico gostavam que o *napë* aprendesse, pensando sobre os papéis, a falar e a escutar o que eles diziam... Gostavam que o *napë* remediasse suas dores e as de suas crianças, mas não queriam que andasse pra longe para cuidar de pessoas que eles não chamavam de amigos...

O *napë* queria andar pelas casas de longe, onde havia muita gente conforme eles próprios contavam e, como diziam, outros *napë pë* que sabiam delas ou já as tinham visto.

Era preciso saber onde tinha doentes e furar as pessoas com os líquidos das epidemias pra que não tivessem, talvez, as doenças que já fizeram pessoas de casas inteiras morrer.

Essa história de tantos mortos aconteceu com parentes das pessoas da serra quando o *napë* era ainda menino e os *napë pë* começaram a fazer um limpo para andar com os aviões sem asas por aquelas florestas que estão no lado de onde vem o sol.⁵⁴

Quando o *napë* foi para morar definitivamente perto da casa do Chico, chegavam *napë pë* diferentes, que eram empregados e construíam as casas desses outros *napë pë* que são embrulhados de verde e têm grandes espingardas...

O *napë* era andarilho, as pessoas da serra falavam... Ficava cansado de conversar, já que tinha que procurar muito no pensamento a canção das pessoas para falar com elas.

Um dia saíram um pouco mais longe para as margens do *Pata u* (rio grande) que descendo vira *Parimi u* e depois Rio Branco, onde fica Boa Vista, e, talvez por isso, as pessoas de lá se chamavam *Napëtha u thëri* –

⁵⁴ Trata-se da construção da rodovia Perimetral Norte.

moradores do rio que tem muito *napë*. Foi lá que viram os vultos e ouviram o canto dos *Moxahi thëri*.⁵⁵

Até então, dos chamados *Moxahi thëri*, só tinham encontrado a tia *Moxahi thëriyoma* – ou, como ela se dizia, *Tixokopi u thëriyoma*: moradora do rio que tem muito beija-flor.

Nesse dia, no *Napëtha u*, depois de o *napë* ter furado as pessoas, o cunhado dele convidou-o para pescar, com mais interesse nos anzóis do que na companhia.

Na volta, tomavam banho, já perto da casa, quando o filho do cunhado avisou que chegaram visitantes do *Moxahi*.

No meio da casa uma montanha de bananas, que era o presente.

Os homens passaram a noite cantando... Trocando notícias e colocando as intrigas em pratos limpos. Dois a dois cantavam ao mesmo tempo – em contraponto – abraçados no meio da casa.

Os *Moxahi thëri* não conversaram com os *napë pë*, apesar de terem se referido a eles durante o *wayamu*.⁵⁶

Os guias se desentenderam com os visitantes durante o *wayamu*, pois pediram mulheres em casamento e lhes foram negadas. Quiseram sair pela manhã e apressavam os *napë pë*.

Aproximou-se um velho de cabelos brancos e falou da triste situação das crianças de sua casa, portadoras de vermes e que morriam com as *xawara pë* que se tornavam mais frequentes. Queria que os *napë pë* fossem à sua casa com seus remédios.

Os *napë pë* falaram de sua disposição de visitá-los e da necessidade de voltar primeiro à casa do Chico, para buscar remédios e vacinas. Pediram que mandassem homens para guiá-los e ajudar no transporte.

⁵⁵ *Moxahi thëri* – moradores da região do *Moxahi*.

⁵⁶ *Wayamu* – canto em contraponto entre duas pessoas, no qual se trocam notícias entre visitantes e anfitriões.

O velho respondeu que talvez não fosse, já que não eram tratados de amigos pelos *Pirisi thëri*. Talvez fossem algumas mulheres para carregar as coisas e mostrar o caminho. Falou muito “talvez”... Ele tratava o *napë* de cunhado.

VI

O aumento de doença entre os *Moxahi thëri* fez com que cerca de dez homens criassem coragem e fossem até a casa do Chico para buscar os *napë pë* que sabiam dos remédios.

Enquanto os *napë pë* arrumavam a bagagem, os *Pirisi thëri* cortaram paus pesados e afugentaram os *Moxahi thëri*. Ameaçavam também com flechas.

Os *napë pë* saíram atrás o mais depressa possível, gritando à toa, já que os *Moxahi thëri*, correndo, estavam longe.

Apareceu, então, um pequeno grupo dos *Xāhōxi thëri*,⁵⁷ que são parentes dos *Pirisi thëri*, mas amigos dos *Moxahi thëri*, que foram acompanhando os *napë pë* até a região dos *Moxahi*.

Três dias andando...

Dormiram ao fim do primeiro dia no *Xāhōxikë*.⁵⁸ Continuaram andando e dormiram no segundo dia na beira do *Xieto u* em um *tapiri*⁵⁹ reformado.

Ao final do terceiro dia chegaram nos *Moxahi thëri*, onde ninguém se chamava *Moxahi thëri*: *Apiahiktiopi thëri*, *Somosikë thëri*, *Waputha thëri*, *Werikositorikiyopi thëri*, *Yamikaniyapë u thëri*. Era assim que se chamavam.

⁵⁷ *Xāhōxi thëri* – grupo que vive às margens do *Xieto u*. Moradores do lugar que tem girinos (*xāhōxi*).

⁵⁸ *Xāhōxikë* – no lugar que tem girinos.

⁵⁹ *Tapiri* – abrigo rudimentar, construído com madeira, folhas ou cipó (o que estiver mais à mão).

Chegada... escutavam-se conversas dentro da casa... não se via ninguém...

Saiu uma velha sapateando e agitando os braços... dizia e dava mostras de estar contente...

Os *napë pë* entraram na casa e não sabiam o que fazer, ficando meio perdidos, até que se ouviu alguém dizendo que fossem até seus cunhados...

Formou-se um grupo de homens, próximo ao cocho de mingau, que chamariam os *napë pë* de cunhados... falavam apressadamente, gesticulando, com um sotaque diferente daqueles que os *napë pë* estavam acostumados a ouvir...

O *napë* pediu que falassem devagar, que ele escutava e falava pouco... tinha a “língua de fantasma”... Perguntaram se o *napë* tinha a orelha entupida...

No tempo que os *napë pë* passaram no *Moxahi* marcaram na superfície do papel as pessoas que moravam apenas em três casas, pois os guias do *Xāhōxi* ficaram com medo do *Porapi u thëri*, moradores do rio que tem muitas cachoeiras, que estavam acampados nas proximidades... Cuidaram dos doentes e deram a todos os caroços que fazem os vermes morrer...

Os *napë pë* encontraram pessoas que pensaram ter a doença que faz emagrecer e escarrar sangue... Tuberculose, dizem os *napë pë*.

A suspeita mais forte era de um homem importante que tinha duas mulheres, tão magro que não conseguia andar... Não conseguiu escarrar para que os *napë pë* olhassem na máquina que faz o olho ficar grande e não podia ir até a casa do Chico por ser inimigo mortal dos *Pirisi thëri*.

Os *napë pë* precisavam voltar de novo com a-água-fria-das-epidemias e mais caroços dos que matam vermes grandes e pequenos que não deu para todo mundo. Disseram que voltariam quando a lua ficasse grande outra vez.

VII

— Meu cunhado, você que tem a máquina do olho grande, vem comigo na cachoeira do rio-que-tem-muito-beija-flor. As crianças sabem que lá mora uma cobra grande. Só elas viram. Disseram que ela mora nos buracos das pedras da cachoeira do rio *Tixokopi u*. Você olha com a máquina do olho grande e faz as imagens. Eu cutuco os buracos das pedras com a vara e você olha com o olho grande da máquina. A cobra é ligeira. Não faça a máquina olhar devagar.

O velho abria caminho com o pedaço de bambu amolado, que usava em defesa própria durante suas caminhadas. Não que o caminho não existisse. Queria melhorá-lo para os *napë pë* desacostumados de enxergar cobras.

Equilibrando-se sobre as pedras lisas da cachoeira, enfiava a vara nos buracos e perguntava ao *napë*:

— Você viu a cobra?

O velho da cabeça branca não conhecia a máquina que faz as imagens.

Os inimigos ruins que matariam os *napë pë*, conforme diziam os *Pirisi thëri*, cuidaram muito bem deles, que não sabiam andar no mato... Deram muita comida... Na volta acompanharam-nos até o *Xãhõxi*, trazendo bananas e caçando para que achessem que eram bons e generosos. É isso que importa para as pessoas da serra.

VIII

Na outra lua, conforme o combinado, os *Moxahi thëri* voltaram para buscar o *napë* com os remédios.

Como na primeira vez foram afugentados porque eram poucos e desarmados, dessa vieram em muitos, pintados de preto e armados com *napëxi* ⁶⁰ — um pau grande e pesado, especial para a ocasião. Pediram, no dia anterior, que o chefe dos *Xãhōxi thëri* viesse combinar a briga que poderia terminar até com o restabelecimento da paz entre os dois grupos.

Duas fileiras de homens – também algumas mulheres e crianças –, frente a frente, se batiam e conversavam... desde inimizades antigas até atuais: que eles também queriam remédios; que eles também queriam facões; que eles também queriam o pequeno metal torto que serve para pegar os peixes; que os *Pirisi thëri* estavam virando *napë pë* e não deixavam que eles tivessem as coisas que precisavam... era assim que falavam os da região do *Moxahi*...

O pau comprido demorava para chegar ao alvo – que era a cabeça do inimigo – que se esquivava e raro o sangue brotava... o que interessava mais era a conversa... que parecia estar alcançando o resultado esperado, principalmente pelos *Moxahi thëri*, que era o de ficarem amigos e poderem chegar à casa do Chico.

Chegou a máquina voadora que trazia de longe a madeira para construir as casas onde iriam morar os soldados. Aquela que os *napë pë* chamam de helicóptero...

Os homens embrulhados de escuro, que as pessoas da serra pensam que moram nos helicópteros, ficaram pairando no ar, olhando a guerra onde todos conversam e todos decidem...

⁶⁰ *Napëxi* – paus de três a quatro metros de comprimento, usados em combates intergrupais.

Os *Moxahi thëri*, que não sabiam direito, ficaram com medo da máquina que ficava parada no ar e do grande fogo que pensavam poder cair dela, do céu... Saíram correndo desorganizados. Três deles correram para o lado que o helicóptero pairou, ficaram abobalhados de medo e os *Pirisi thëri* quase os mataram a pauladas...

Foram embora carregados e com vários ossos quebrados...

Os *Moxahi thëri* voltaram de novo, na outra lua cheia, quando começava, já, o tempo das chuvas. Nesse tempo, quase todos os *Tihisipora u thëri* estavam trabalhando na cachoeira do *Farai u*, ajudando os *napë pë* a cercarem o rio para que as luzes se acendessem.

Dessa vez vieram com os *Porapi u thëri*, de quem são parentes. Vieram mais fortes e mais confiantes...

Dessa vez não teve helicóptero pairando. A briga teve mais conversa e menos pauladas. O sol estava no fim do primeiro terço do seu caminho da manhã quando ela começou, e no meio da tarde terminou.

No dia seguinte, o *napë* foi com os *Moxahi thëri*, com suas roupas, cobertores, redes e remédios.

Estavam contentes com o resultado da conversa e tinham conseguido, pelo menos, os remédios que eles pensavam que iriam resolver todos os seus males. Mágicos obviamente...

O *napë* dormiu várias noites na casa velha do pessoal que plantava roça no *Waputha u*,⁶¹ para onde iam se mudar e, por isso, já se dizia como sendo de lá: *Waputha u thëri*. Não tinha levado todos os líquidos da *xawara*. Levou só o de sarampo, que estava guardado na caixa que deixa as coisas frias e duras. Os outros líquidos que ficam guardados com as pedras-de-água-fria estragaram-se quando outros *napë pë* não colocaram outras

⁶¹ *Waputha u* – afluente do rio *Parimi u*, que emprestou o nome ao grupo local *Waputha u thëri*.

pedras – as pedras-de-água-fria derretem –, quando o *napë* não estava perto da casa do Chico.

O *napë* ficava sempre querendo riscar na superfície do papel as coisas que as pessoas falavam e as coisas que ele mesmo via – o que alguns podem inclusive achar ser feitiço. Marca quem está doente e tenta dar um nome para a doença. Olha as pessoas, o tamanho das crianças e marca... Marca o nome do caroço que as pessoas engoliram; como as pessoas falam, ele também marca na superfície do papel. Quer dar nome e marcar tudo.

Olhando todos os papéis, o *napë* viu que existia bastantes crianças novas que mamavam e ficavam no colo... algumas aprendendo a andar... poucas aprendendo a falar... e quase nenhuma até o tamanho de alcançar o peito dos adultos. O seu cunhado já lhe tinha dito isto, quando o encontrou no *Napëtha u*.⁶² crianças quando começam a andar e, mais ainda, quando nasce um irmão menor, têm muitos vermes e emagrecem; morrem com facilidade com a *xawara* que está viciada em vir.

O *napë* sempre lembrava disso quando ia falar dos *Moxahi thëri* para os outros.

Lembrava de coisas boas também.

— Meu cunhado, você não tem outro *napë* que fala com você e deve estar com saudade. Faça de conta que eu também sou *napë* e fala comigo, apesar de eu não escutar nada...

O *napë* ganhou um cesto grande cheio de pupunha. Seus cunhados ficaram sentados olhando como ele comia e mandando-o comer mais. Tinha muita pupunha no cesto e ele conseguiu comer poucas. Deu pupunha para todas as pessoas, que depois disseram que ele era generoso. Só depois percebeu que aquela era a comida que todos iam comer.

O tempo que o *napë* ficou no *Moxahi* foi bastante chuvoso. Os rios cresceram e as pontes foram levadas pelas águas.

⁶² *Napëtha u* – trata-se das cabeceiras do rio *Parimi u* e, conseqüentemente, do rio Branco.

Os novos amigos do *napë* diziam que seria impossível que este voltasse à casa do Chico antes do verão... Riam. Levaram o *napë* acompanhado de comida e construtores de pontes.

Presentearam-se: o couro de uma onça, que quase comeu o cunhado, e um facão.

Não estavam mais sobre o rio grande os troncos que serviram para atravessar na ida. Dois atravessaram a correnteza e começaram a trabalhar com o machado e o facão. Do lado de cá, os outros mataram um bicho-preguiça e começaram a cozinhá-lo e a assar bananas.

Os que atravessaram o rio penduraram cipós grossos na árvore grande que pendia sobre ele. Amarraram muitos troncos finos pendurados em feixes na ponta dos cipós.

Comeram. Mataram uma jararaca, que seguiu devidamente cortada e enrolada nas folhas.

Amarraram um cipó para servir de corrimão...

A ponte começava perto da superfície e terminava alta no barranco do outro lado... balançava quando as pessoas passavam.

O *napë* ficou com medo e não queria atravessar. Achava melhor ir por dentro d'água. Convenceram-no dizendo que a ponte foi feita para que ele atravessasse com suas coisas que não podiam ser molhadas.

A ponte balançou muito quando o *napë* passou com suas pernas tremendo. Ele segurava no corrimão e os troncos teimavam em lhe fugir dos pés e ele quase deitava sobre o rio.

Ao chegar do outro lado ouviu gargalhadas. Seu cunhado vinha com suas coisas fazendo as pernas tremerem e entortando-se sobre a ponte.

IX

Depois que os *napë pë* tornaram-se muitos, a *xawara* que eles chamam de gripe começou a vir sempre. O pessoal que ia com frequência à casa do Chico não deixava que *napë* que sabia dos remédios fosse para longe, pois estavam sempre precisando dele. Não se furava mais ninguém com as águas-frias que fazem o corpo se tornar amargo, pois, estando as pessoas constantemente com febre, elas não surtiriam efeito.

As pessoas vinham até a casa do Chico para buscar o *napë* e recomendavam-lhe que levasse remédios que lhes aliviassem os sintomas da *xawara*.

No *Xirimihiki*, a neta do *Tixohi*⁶³ morrera há dias...

Estava enterrada perto do fogo, entre a rede da mãe e a do pai, que era onde tinha passado a dormir desde que nascera o irmão, há menos de uma lua...

Ao entardecer, a filha do *Tixohi* acha falta e começa a cantar dizendo que está com saudade da filha dela que estava sempre com fome naquela hora; da filha dela que andava sozinha desde que não fosse longa a viagem; da filha dela que não sabia falar direito; que era sorridente... era assim que ela ria, assim que ela falava, assim que ela chorava...

A mãe imitava a morta... todos imitavam a mãe... todos choravam.

O sol caía. Algumas pessoas estavam perto da casa do Chico à procura de remédios. Os *napë pë* que sabiam dos remédios estavam cuidando das pessoas quando o rádio falou, e o Chico escreveu na superfície do papel que eles tinham que ir embora daquele mundo.

Alguns dias antes os garimpeiros tinham matado quatro pessoas no *Maraxi u*,⁶⁴ perto do *Hero u* que os *napë pë* chamam de rio Couto de Magalhães. Os chefes que falam no rádio e que as pessoas não conhecem

⁶³ *Tixohi* – nome próprio. Árvore do beija-flor.

⁶⁴ *Maraxi u* – rio do Cujubim. Afluente do rio Couto de Magalhães.

disseram que os *napẽ pẽ* que sabiam dos remédios tinham que ir embora porque talvez as pessoas da serra ficassem bravas e os matassem... mas as pessoas ficavam bravas mesmo porque precisavam dos remédios e gostavam daqueles *napẽ pẽ*.

Os *napẽ pẽ* que iam embora passaram dois dias esperando o filhote de avião cair para buscá-los.

A mãe do Reandro – que chama o *napẽ* de cunhado – tratava o *napẽ* de sobrinho. Ficou triste e chorava sempre. E, alegando esse motivo, pediu ao *napẽ* um presente, pois pensava que assim ficaria contente e pararia o choro...

Chorou ainda mais ao ganhar miçangas, pois elas fariam com que se lembrasse do *napẽ* e ficasse triste com saudade... que ele conversava... que, quando eles chegavam, para pedir remédios, ele olhava e escutava o peito das pessoas com a coisa que deixava a orelha grande... apesar de o *napẽ* ser às vezes ignorante e não querer dar remédios, ele dizia que depois olhava o doente de novo... que as crianças não morriam quando o *napẽ* estava lá... que ele aprendeu a falar depressa...

Tantos ficavam lá muitos verões e não aprendiam a escutar.

Muitos vinham conversar. Tristes...

O pensamento coçava... sem gosto. Perdia-se.

Na pista, na saída, tinha algumas crianças e jovens dos que nasceram na serra, soldados com as espingardas grandes que atiram muito rápido, empregados dos soldados e do Chico, o Chico.

Um lugar muito longe... Tanto que parece não existir quando se está no mundo do *napẽ*...

Parece que não existem florestas, tucanos, rios de onde se pode beber. Parece que não existe um lugar sem cruzados ou dólares – dizem que lá é um vazio... muito grande vazio...

Tentam que se torne verdadeiro dizer que só os *napẽ pẽ* são vivos e merecem respeito, em especial os que receberam as máquinas e os remédios que os aumentam.

IX

Muitos *napë pë* – em quantidade e tipos – moravam na serra e cada um, por certo, haveria de ser e pensar diferente, sendo muito seu o ver de cada um.

Aqueles que trabalhavam com as ferramentas não gostavam daquele lugar que chamavam fim de mundo, longe de tudo, mas que podiam ganhar o papel que serve para ter coisas de *napë*, apesar de terem que trabalhar desde a hora que o sol vem até a hora que o sol vai, sem ter o tempo necessário para engolir direito, durante todos os dias em que lá estivessem, enquanto alguém armado gritava-lhes ordens...

O que ficava sempre gritando, que eles chamam de subempreiteiro, ganhava os papéis de dinheiro para escolher o lugar, desmatar, arrancar os tocos das árvores para deixar limpo o lugar no qual os aviões chegariam... e o lugar já era limpo desde o começo... Este, o subempreiteiro, queria que os outros trabalhassem rapidamente, pois assim ganharia mais dinheiro-cruzado. Achava as pessoas da serra muito sujas e dizia ter medo que os homens dele pegassem doença-tuberculose delas... e as pessoas da serra não tinham essa doença desde o começo.

Os *napë pë*-soldados diziam que precisavam defender o alto da serra, que lá eles chamam de fronteira, de outros *napë pë* que parecem, então, não serem seus amigos... e as pessoas do outro lado são iguais e amigas. Às vezes, chegam os chefes dos *napë pë*-soldados que são enfeitados com estrelas de metal e ficam pouco tempo e não chegam a conhecer direito as pessoas da serra.

Tem o Chico, que eles chamam de Funai, e que eles dizem que serve para proteger as pessoas... O Chico é querido pelas pessoas, mas elas não entendem o que é Funai...

Chegam os empregados do Chico Funai, que quase sempre são pessoas que moravam, no começo, rio abaixo, parecido com as da serra e que

agora não têm roças e florestas, tendo virado empregados dos *napë pë* para fazer as pessoas da serra também virarem *napë*... para ficar todo mundo igual.

Ficar todo mundo igual é o que os *napë pë* chamam de integração nacional... ser igual como nas grandes aldeias dos *napë pë*... apesar de beberem, comerem, morarem, se enfeitarem... enfim: de viverem diferentes uns dos outros...

São iguais, apesar de alguns serem mais iguais que outros.

6 // Cartas para Onde Corre o Rio

No dia 20 de fevereiro, chegaram na serra alguns visitantes repórteres da revista *Manchete* e militares, principalmente.

Faziam uma série de reportagens para (in)formar a opinião pública sobre o que acontece na Amazônia. O repórter, o fotógrafo, o comandante do Batalhão Especial de Fronteira de Boa Vista, um tenente, um major da Cavalaria, um funcionário do Conselho de Segurança Nacional do Gabinete da Presidência da República.

O repórter não perguntou nada. Quem perguntava era o coronel.

As pessoas não se deixam fotografar com facilidade, mas podem ser convencidas com algum presente a fazer poses típicas para a máquina de olho grande que faz as imagens.

O fotógrafo comprou na cooperativa as facas e os calções para pagar as poses e os *patixi pë*⁶⁵ para enfeitar os modelos que se recusavam a deixar que suas imagens aparecessem sem penas, e mesmo porque as penas enfeitariam, também, a revista.

Os atores representaram bem: pescavam, com cuidadosa mira nas poças das pedras, peixes que não existiam. Quando conseguiam parar de rir, andavam rio abaixo e rio acima em organizadas filas indianas. Só reclamaram na cena em que deveriam entrar no cerrado às margens do *Warëtho u*, fingindo uma caçada – tinha muita merda de branco – e era onde esses se banham e bebem...

A maior parte da documentação visual quem fez foi o tenente, que gravava um vídeo contínuo: os *Yanomami* doentes, o hospital, a farmácia, um “close do doutor”... A Pierrete, que é geógrafa da Universidade de Genebra, mereceu um capítulo especial: estrangeira, pesquisando o uso da terra... Ninguém ligou muito para as universidades de Genebra ou de Brasília e para o Museu Goeldi que emprestavam seu nome à pesquisadora.

Hoje é 22.

⁶⁵ *Patixi pë* – adornos.

Chegaram nove trabalhadores da construtora. Agora são dezoito morando na oficina. Tiram madeira para as bases das casas pré-fabricadas e alguns trabalham na pista.

Os *Tihisipora u thëri* estão montando um acampamento no capão do outro lado da pista para esperar os *pata pë*⁶⁶ da Funai e do Exército para conversar.

Essa conversa foi marcada quando vieram pintados de preto para derrubar as novas casas que começavam a ser construídas: tinham medo que os *napë pë* que chegavam transassem com suas mulheres e filhas, comessem sua comida (sua caça), que derrubassem a floresta para plantar roças grandes, que procurassem minérios nas suas águas, estragando-as e matando os peixes, camarões, caranguejos e caramujos, que tanto existiam em abundância. Ficaram bravos com o Chico, pensando que ele tinha chamado os outros para morar aqui, por isso ele falou no rádio pedindo para que os chefes viessem conversar.

Além do medo do dito acima vir a acontecer, diziam que agora estavam viciados em ficar doentes... Que antes a *xawara* demorava para vir de novo.

As palavras iam se desgastando de tanto serem ouvidas, e a inflamação do discurso aumentava...

As mulheres circulando... algumas, de uma certa forma, assanhadas com os brancos. Um deles ofereceu uma lata de farinha com açúcar para uma dessas e fez gestos convidando pra trepar... as outras ficaram muito bravas e tanto gritavam que intimidaram as partes envolvidas e não envolvidas diretamente no caso.

Os *Pirisi thëri* estão acampados perto da roça, empenhados na derrubada para o plantio de outra, grande, no início do inverno. Por aqui só a pequena multidão de *Tihisipora u thëri*...

O Ado *Talemuthëri* esteve aqui com o filho doente...

⁶⁶ *Pata pë* – grandes, velhos, chefes.

Enquanto o filho tomava remédios, ele trabalhava capinando os arredores do posto. Foi embora chamar o Antonio do *Mayëpë u* para conversar com os *napë pë-patapë* que estão para chegar.

Existem diferentes expectativas a respeito da vinda dos brancos-chefes: o Carlos, boca grande dos *Tihisipora u thëri*, tem muito a falar e a perguntar; já o Ado, não parece muito animado e não entende muito bem o que significa essa conversa. Perguntou se viriam em muitos e se armados para a conversa. Talvez se lembre da facada que levou “conversando” com os garimpeiros há dez anos.

— Já conversei muito com os soldados e não ganhei presente... nem anzol pequeno que seja... e eles não escutam (entendem).

Foi-se... Não sabia se voltava.

DC-3, o nome do avião, foi dado ao jovem e forte Lafuwawa – que também atende por Jesus Cristo. É muito amigo dos trabalhadores e frequentemente dorme na oficina.

— Sabe falar – diz o cujo –, flechar costa.

Está sempre com um calção novo – ou pelo menos diferente –, graças ao conhecimento e repetição constante dessa frase mágica – flechar costa – na língua dos *napë pë*. Largou a mulher e quer ir para a terra maravilhosa, onde provavelmente pensa conseguir tudo com esse seu pequeno vocabulário.

O Lukey (Paraná) é outro hóspede, por estar com o filho doente. Ficou com ciúme da mulher e deu-lhe uns safanões na sexta-feira. No sábado, quando clareava, foi picado por uma jararaca ao tentar flechar um mutum. (Feitiço...?) Já está bem. Sua mulher tem passado os dias trancada no hospital e ele não a deixa buscar camarões, nem mesmo lenha, sozinha.

Hoje foi pedir comida para os peões. Eles sempre deram e dessa vez negaram... Queria flechar um... A mulher do Chico interveio e livrou a cara do prometido... Lukey enfatizou que não convidassem sua mulher para andar de trator ou vai flechá-los. Ficou bravo mesmo – ou nervoso, pelo menos...

Durante a reportagem da *Manchete*, o Carlos *Tihisipora u thëri* já estava por aqui.

Durante a compra das fotografias o repórter distribuía balas para as crianças e adultos.

Carlos não queria fotos suas e amolava sua faca na pedra, observando sossegado. Chamou a atenção da equipe “mancheteira”, que, perguntando sobre quem era aquele senhor e sabendo que era um chefe, ofereceu-lhe uma lata de leite condensado que, a princípio, ele recusou e perguntou se aquilo não fazia morrer.

Sabendo disso, o oficial ofereceu-se para tomar um gole em primeiro lugar, passando-lhe em seguida a lata. Ele pediu que alguns jovens experimentassem primeiro e só então se arriscou a tomar um pouco. Disse que era um doce forte e ele já tinha procurado saber por que muitos *napë pë* não têm dentes.

Disse o repórter, que estavam aproveitando a carona do Buffalo, e que o tenente conhecia bem a região e poderia lhe dar as dicas para a reportagem.

Não perguntaram nada... Levaram fotografias falsas.

Maior respeito, o deles, com as pessoas daqui...

É 26 de fevereiro.

Os chefes dos brancos deveriam ter vindo no dia 23, quando já tinha gente esperando. O rádio falou, então, que só viriam no dia 25.

Esperavam pintados com a folha verde que, misturada com cuspe, deixa o corpo cor de vinho... armados. O rádio disse “peça desculpas aos indígenas, mas não podemos ir...”

Ficou a impressão que os *napë pë-pata pë* eram medrosos... Tinham muito o que conversar e não vieram.

A situação ficou tensa. Foi prometido, para que eles não derrubassem as casas, que os chefes viessem para explicitar por que tantos queriam morar aqui.

Arranjou-se trabalho para que esquecessem seus problemas. As mulheres estão cortando lenha para abastecer o posto e os homens tirando postes para substituir os podres.

As mulheres já cortaram e carregaram lenha para encher caminhões.

Os homens, pintados e de rabo, passam em cinquenta carregando postes serra acima, fazendo força e gritando, conforme mandam os costumes.

É 6 de março.

Ontem avisaram que viriam hoje... poucos *Yanomami* tiveram tempo de ser avisados e chegar para conversar.

Esmeraldo, Xedi e Kaxanawa entraram um a um e repetiram, com um certo desgaste, que matarão os *napë pë* se eles vierem em muitos para estragar os igarapés, matar sua caça, comer de sua roça...

Um a um entrava na sala quando o Chico chamava, não sem antes cuspir e ajeitar o tabaco na boca, e ficava agachado falando. Os chefes dos brancos sentados nas cadeiras e o índio gesticulando, olhando de baixo, sozinho na sua língua para os muitos chefes dos *napë*.

Cada vez que entrava um deles, o comandante prometia amizade, remédios, médico, enfermeiro, escolas... Destaque especial para o caso das mulheres, por orientação do chefe grande da Funai: “Quando os soldados ficarem excitados, o superior baterá neles”. Assim o chefe dos *napë pë* falou...

Perguntaram-me o que leva um jovem a morar nesse fim de mundo e quanto ganhava. Eu não sabia, já que o gatilho dispara todo mês.

Disseram que as pessoas não correriam o risco de serem infectadas por alguma *xawara* caso não fossem ao pelotão – embora ele esteja perto e sempre estejam chegando atrativos pelos aviões.

Para as pessoas da serra agradou o tom da conversa, e:

— Se for assim nós vamos ficar contentes em morar juntos... – disse o Esmeraldo.

Enquanto o grupo de *napë pë* almoçava, chegou Idasi com o marido e o primeiro filho, que nascera havia algumas noites. A criança estava enrolada em um presente de um pedaço de toalha suja... Saía pus do umbigo, estava mole, fria... não mamava... sinais de infecção no sangue... septicemia... era muito nova para que fosse furada... os pais choravam.

Morreu.

Levaram o trapo para ser queimado junto com o cadáver.

7 | Convivência Pacífica

I

Os *napë pë*-chefes começaram a tratar de um jeito estranho as pessoas que moram na serra. Primeiro, mandaram embora todos os *napë pë* que as pessoas da serra chamavam de amigos. Era já o tempo em que começavam a chegar muitos dos *napë pë*-pobres à procura de terra-ouro.

Os *napë pë*-garimpeiros são pessoas que não têm mais um lugar-seu verdadeiro onde possam viver bem. Deixam mulheres e filhos e saem tristes à procura de ouro que, para eles, têm muito valor. São pessoas pobres, descontentes e com medo. Os patrões dos garimpeiros são os que têm tudo que precisam e são movidos pelo desejo de ter mais coisas.

Os *napë pë*-tristes e com medo ficam facilmente nervosos e violentos. Não conhecem as pessoas das serras por onde andam e o medo aumenta.

E muitas das pessoas da serra conheciam apenas os *napë pë* que vieram de helicóptero, pois mesmo nunca os tinham imaginado.

Na floresta dos *Maraxi u thëri* – conhecida pelos *napë pë* como *Paapi u* ou Couto de Magalhães – foi por onde os garimpeiros começaram a chegar. A chegada definitiva dos primeiros *napë pë* na região foi no tempo em que estavam começando a andar as *mokorimapë*⁶⁷ que hoje fazem sangue pela primeira vez.

Antes disso, as pessoas só sabiam dos *napë pë*-missionários que vieram morar às margens do *Thomitha u*. Poucos, e por poucas vezes, foram até onde estavam os *napë pë* com ferramentas, roupas e remédios para as doenças desconhecidas que eles mesmos traziam.

As pessoas do *Papi u* fizeram um limpo para a máquina voadora. O *napë*-missionário chegou e ensinou como fazer um limpo melhor, para que os aviões pudessem cair sem perigo de explodir.

⁶⁷ *Mokorimapë* – mulheres adolescentes.

No tempo em que começavam a andar as *mokorimapë* que hoje menstruam pela primeira vez, foi quando chegou o *napë*-Funai para fazer a primeira casa na beira do *Mahãno u*.⁶⁸

Os *napë pë*-Funai, em sua maioria, não gostam de ficar por muito tempo junto com as pessoas e estão sempre mudando de um lugar para outro. Era tempo em que ninguém sabia que tinha ouro naquela terra.

Quem ficou mais foi o Tarcísio. Era quando as pessoas de lá começaram a garimpar aprendendo com os *xirixanas*⁶⁹ do Mucajaí. O Tarcísio trocava com as pessoas grandes quantidades de ouro por um calção ou uma faca. O ouro era dos mais grossos, já que as pessoas, ainda aprendendo, não eram capazes de recolher o que era fino como areia.

O Tarcísio levava o ouro para vender em Boa Vista e, assim, os caçadores de ouro ficaram logo com muita vontade de procurá-lo naquelas terras. Segundo os *napë pë*, era o tempo de 1985.

Começaram a chegar os primeiros *napë pë*-garimpeiros que subiam por dias o Mucajaí e por dias caminhavam amedrontados na terra dos índios bravos,⁷⁰ como diziam eles. Ao mesmo tempo o Tarcísio dizia às pessoas que os garimpeiros eram pessoas boas, que tinham mulheres e filhos para criar.

Já que os garimpeiros eram pessoas boas, os moradores do *Paapi u* aproximaram-se para pedir as coisas que os *napë pë* possuíam e que eles precisavam.

Os garimpeiros eram poucos e medrosos. As pessoas do lugar eram muitas e valentes. Pediam as coisas dos garimpeiros com tamanha convicção e ininteligibilidade que, por vezes, os que possuíam as coisas fugiam apavorados e deixavam tudo às pessoas, que, assim, achavam que os que fugiam eram generosos. Não causavam dano algum.

⁶⁸ *Mahãno-ú* – afluente do rio Couto de Magalhães.

⁶⁹ *Xirixana* – grupo *Yanomami* de língua *Yanam*.

⁷⁰ Mantida a expressão coloquial usada na época em que o livro foi escrito.

Enquanto isso, na terra dos *napë pë*, em Boa Vista, espalhava-se a notícia da quantidade e qualidade do ouro em um mundo habitado por seres da mesma raça: pelados, pintados e contentes.

Ainda ao mesmo tempo, os soldados vieram para fazer uma pista maior que a primeira que as pessoas fizeram para esperar o *napë*-missionário.

Era no mesmo tempo, também, que faziam a pista no alto da serra. Era o começo da chegada dos soldados. Projeto Calha Norte.

Os *napë pë*-empregados dos soldados que vieram para fazer a pista começaram a pedir ouro para as pessoas e em troca ofereciam açúcar, roupas velhas, cobertores, geladeiras, beliches, óculos de plástico, pilhas, gravadores, doenças. Na terra dos *napë pë*, dizia-se que as pessoas cavavam no interior de suas casas para desenterrar o cascalho amarelo que tanto alegrava os visitantes-*napë pë*-empregados-dos-soldados.

Ao mesmo tempo, ainda, aumentava a miséria dos *napë pë*-pobres e assim cada vez chegavam mais deles à procura de ouro: tristes, infelizes, doentes, com medo.

Tudo acontecia enquanto os *napë pë-pata pë* queriam construir as casas dos soldados para defender a terra e as pessoas. Abriam-se as pistas grandes dos soldados, que eram poucas, e muitas outras pistas pequenas dos garimpeiros, que eram muitas.

E os *napë pë* foram chegando cada vez mais.

Desciam do céu em aviões de diferentes cores e tamanhos. Andavam por todo o mundo. Do rio-abaixo, de onde o sol vem, ao lugar dos *Xamatari*, onde ele cai. Na região dos *Waika* e na do *Parahuri*. Traziam máquinas e canoas grandes. Desciam do céu e reviravam o mundo como se fossem um bando – vários bandos – de queixadas.

O mundo foi ficando estragado... doente.

II

Como os *napë pë* não conheciam as pessoas daquele mundo, ficavam cada vez com mais medo. Às vezes atiravam nas pessoas com suas espingardas.

Chamaram outros *napë pë* que já tinham matado outros *napë pë* e por isso eram tidos entre eles como valentes, para que viessem com suas armas que atiram rapidamente, para que as pessoas daquele mundo ficassem amedrontadas.

Os *napë pë*-matadores tiveram várias oportunidades para demonstrar sua força. As pessoas que insistiam para que seu mundo não fosse estragado eram vitimadas pelos carços que saíam rapidamente das armas grandes. *Xapono pë* foram queimadas.

Uma vez, os *Tihisipora u thëri* estavam na sua roça na cabeceira do Mucajái quando os *napë pë* apareceram atirando. Tentaram correr. O Ado levava sua filha no braço que foi transpassado pelo carço de metal que a matou. Cinco foram torturados até que perdessem os sentidos. Muitos assistiram de primeira fila ou escondidos no mato.

As pessoas ficavam apavoradas com a maldade dos *napë pë* ao lutar. Ninguém nunca tinha visto uma pessoa ir apanhando aos poucos até que pensem que está morta. Mas isso é coisa comum no mundo dos *napë pë*.

Muitos morreram violentamente. Ninguém sabe dizer quantos, uma vez que os que matam não têm interesse em contar, e os parentes dos que ficam não sabem contar.

Muitos foram obrigados a ficar junto aos *napë pë* que procuravam os minérios. Convivência pacífica, dizem os *napë pë*.

A paz começou a se mostrar mais mortal que a guerra.

A convivência pacífica é assim...

III

Ficaram dois grupos diferentes de pessoas morando no mesmo mundo. Cada um deles precisava de coisas diferentes. Os *napë pë* precisavam do ouro que existia enterrado no chão. Os nascidos naquele mundo precisavam dele para viver do jeito que sabem. Precisam dos viventes dos rios, da água limpa, das árvores que dão comida e remédios, precisam dos bichos, precisam dos parentes, dos inimigos tradicionais, dos velhos sabedores das coisas, dos *xapori pë* que seguram o céu no devido lugar.

O chão dá tudo que os homens precisam. Mandioca e banana ele sempre produz, se bem cuidado. Ouro só uma vez. As pessoas queriam o mundo igual no começo, quando ele foi feito por *Omãmë*. Os *napë pë* queriam apenas procurar o ouro e ir embora.

As pessoas assistiam aos *napë pë* esburacar o chão, lavar a terra, separar o que ficava no fundo das pesadas bacias, ou caixas de máquinas. Pegavam a areia e misturavam com o líquido que parecia metal derretido: pesado e brilhante. Aqueciam com fogo quente até que todo o líquido pesado se transformasse em fumaça e restasse apenas o puro e adorado ouro. Para transformar esse líquido em fumaça, os *napë pë* se posicionavam sempre de maneira que a fumaça fosse para longe deles. Diziam que a fumaça era venenosa. Causa doença nos homens e na terra. Doença que os *napë pë* não sabem curar.

Numa das casas que os *napë pë* fizeram para ter as coisas que precisam, que eles chamam de cantina, aconteceu um vazamento do líquido pesado e muitos *napë pë* acabaram morrendo envenenados. Deixaram o líquido pesado dentro da grande cuia de matéria plástica. A cuia acabou furando e o líquido passou para a farinha sem que ninguém percebesse. Os *napë pë* começaram a morrer e ninguém sabia por quê. Não era incomum que alguns *napë pë* morressem naquele mundo que para eles era

desconhecido. Só quando oitenta deles tinham morrido perceberam que a sua comida estava suja.

Líquido de metal... azougue... mercúrio. Às vezes, ele cai no rio. Os bichos que moram dentro da água morrem primeiro. Mesmo os que não morrem depressa podem matar, caso sejam comidos por outros. O rio leva também a lama da lavagem da terra. O rio é o primeiro que fica doente. Não se pode beber do rio. Os *napë pë* trazem água em cuias transparentes. As pessoas são obrigadas a procurar outra água para beber. Em alguns lugares não existe mais a água limpa deixada por *Omãmë*.

As crianças eram acostumadas a comer peixe. Choram pedindo peixe a seus pais. Os peixes não existem mais. Não existem mais camarões, caranguejos ou caramujos. Só existe o rio que agora está morto... apesar de continuar correndo.

As pessoas procuram acreditar que um dia o rio vai sarar, mas, mesmo assim, preocupam-se, pois caso isso demore muito para acontecer, elas não terão tempo de ensinar seus filhos a viver e a cuidar do rio.

Não existe mais caça. Talvez, se os homens caçassem, as crianças parariam de chorar pedindo peixe. Os *napë pë* são muitos e mataram muitos animais com suas armas grandes. Os animais que não foram mortos fugiram de medo das máquinas, dos buracos, do rio sujo, dos tantos tiros barulhentos que os garimpeiros dão procurando afugentar ladrões, animais valentes, pessoas...

Muitas vezes, os *napë pë* famintos comem as roças que as pessoas tinham plantado.

O mundo vai ficando doente. As pessoas ficando famintas, tristes e doentes pela própria doença que está consumindo o mundo.

E as *xawara pë* chegando cada vez mais valentes. E perdeu-se o limite de até quando as coisas podem ficar piores.

Ninguém sabe o que fazer para melhorar. Convivência pacífica com a morte.

IV

As *xawara pë* vinham cada vez mais valentes. As pessoas estavam cada vez mais fracas e tristes e assim morriam cada vez com maior facilidade. Os *napë pë* que sabiam dos remédios tinham sido mandados para longe pelos vários chefes deles.

Os *napë pë*-garimpeiros vinham de longe. Traziam por dentro a doença que dá quentura, dores e frio. Os *napë pë*-garimpeiros eram picados pelos pernilongos, nas suas casas sem paredes, e os pernilongos levavam a doença da tremedeira para as pessoas. Os pernilongos contaminados se multiplicavam nos buracos de onde foi tirada a terra para ser lavada.

Os doentes não conseguem plantar roças. A fome aumenta. A mortandade aumenta. Aumenta também a paz entre as pessoas e os *napë pë*.

Os *napë pë* amigos das pessoas de lá não estavam com seus remédios. Mesmo que estivessem, não conseguiriam com seus caroços e líquidos-remédios curar os rios e a floresta.

O mundo ficou doente... estragado.

Todos convivendo pacificamente.

O rapaz era novo. Testículos amadurecendo. Era da região do *Parahuri*. No seu mundo ainda não haviam chegado os *napë pë* procurando as terras-minérios. Chegavam notícias, há muito tempo, das muitas coisas diferentes que os *napë pë* possuíam, e principalmente da utilidade que uma espingarda poderia ter durante as caçadas. Os velhos pediram insistentemente aos jovens que fossem ao lugar onde estavam os *napë pë* e pedissem uma espingarda que atirasse numa rapidez desconhecida os caroços de metal.

O moço foi com alguns companheiros até o lugar onde os *napë pë* estavam na região dos *Maraxi u thëri*. Os *napë pë* estavam lavando a terra. Tinham muitas espingardas. O *Parahuri thëri* pediu uma delas. Os *napë pë* não entenderam sua fala, embora ele tivesse repetido o pedido e gesticulado várias vezes.

Os *Parahuri thëripë* retiraram-se descontentes com o insucesso da missão. Procuraram comida e um lugar para dormir durante a viagem de volta. A *kurema*⁷¹ estava pousada num galho alto da floresta. O *Parahuri* atirou sua flecha, que não alvejou a *kurema*, que ficou dependurada no galho onde ela estava.

O moço subiu na árvore para recuperar a flecha que seria de utilidade durante a viagem. Seus companheiros esperavam no chão.

Passaram os *napë pë*, os mesmos que tinham negado a espingarda. O moço tentava desenroscar sua flecha, quando ouviu as primeiras palavras que conseguiu gravar no pensamento daquela boca estranha que os *napë pë* usam:

— Macaco! Macaco! Macacooo!... Pppááááá...

O último barulho quem fez foi a espingarda.

O rapaz estava na cidade dos *napë pë*. Boa Vista. O barulho da espingarda... o tombo... a viagem acima das nuvens. A casa grande dos *napë pë* onde guardam muitos doentes e moribundos.

Os *napë pë* cortaram sua barriga e seu peito para remendar os estragos que os caroços de metal lhe fizeram por dentro. Acordava do veneno que os *napë pë* deram para que dormisse enquanto era remendado do estrago que os próprios *napë pë* fizeram.

Paredes brancas. De pedra lisa. Lugares altos e retos onde se deitavam *napë pë* doentes. Tantos quantos os dedos das duas mãos. Estava num outro mundo: o mundo dos *napë pë*.

⁷¹ *Kurema* – espécie de ave, jacu.

Os ferimentos doíam. Tinha sede e fome. Tinha medo. Seu mundo tinha ficado num lugar que ele não sabia onde. Estava no mundo das pessoas que diziam “Macaco! Macaco!... Pááá!”

Muitos dos que estavam trancados no mesmo espaço que ele eram garimpeiros, que comentavam entre si que, caso o *Parahuri* fosse gente, não teria com certeza sobrevivido.

O *napë* que estava deitado ao seu lado era magro, barrigudo e amarelo. Não conseguia se mexer. Nem mesmo para pegar água para engolir os caroços que a *napëyoma* embrulhada de pano branco entregou-lhe nas mãos, saindo em seguida.

Sua voz era rouca pelo tiro que lhe passou pelo pescoço. Podia morrer naquele lugar distante. Os *napë pë* não sabiam onde era seu mundo. Seus parentes não chorariam e não tomariam suas cinzas.

Furavam-lhe as carnes. Mexiam dolorosamente em suas feridas. Estava nas mãos dos que dizem: “Macaco! Macaco! Pááá!”

8 || O Rio-Abaixo

I

Quando chove, agora, a água leva a lama do limpo onde caem os aviões primeiro para o *Warëtho u*... a água é grossa e barrenta... é a que se bebe... leva também a merda...

A água é pouca ainda e o *Warëtho u* pode ficar bonito quando esconde embaixo das pedras cobertas de musgo, envergonhado, a sujeira de que não é culpado.

O barulho alegre das águas virou lamento modificado pela quantidade e qualidade delas.

Rio-abaixo, em Boa Vista, cidade dos *napë pë*, a água torna-se muita e a sujeira pouca. A água é clara, mas a sujeira existe ainda... O rio leva a sujeira que jogam nele. As pessoas não veem mas sabem...o rio e seus moradores também.

A maioria dos *napë pë* que mora lá não nasceu lá mesmo não.

No começo, tinha um povo parecido com o da serra no seu jeito de viver. O pessoal da serra morava longe, não sabia falar com o pessoal de lá.

Primeiro, vieram soldados com falares diferentes, que eram holandeses, espanhóis, portugueses... cada um queria chamar lá de um jeito diferente: Brasil, Guiana, Venezuela...

Cada tipo de soldado dizia que ia proteger as pessoas de lá dos outros soldados.

Assim como tinha soldados de várias línguas, várias línguas também eram faladas pelas pessoas de lá mesmo; que eram muitas, naquele tempo.

Hoje é cidade de *napë*.

Depois começou a chegar mais gente e os *napë pë*-verdadeiros plantavam roças grandes e criavam muitos bichos de estimação.

Criavam bichos que ajudam a caçar, que põem ovos, que ajudam na roça puxando o metal que faz a terra mexer e carregando as colheitas.

O bicho que o pessoal cria mais, até hoje, é o grande feito anta e chifrudo como veado.

Cada um tem os bichos muito seus, que marcam com seu nome na pele deles com o metal vermelho de fogo.

Quando existem os filhotes, os *napë pë* roubam-lhes o leite. Quando crescem, eles os matam, sem caçar, para comer as suas carnes.

Não são todos que comem a carne: poucos comem dela, não por falta de vontade ou fome que a maioria tem.

Fazem a carne ficar dura e fria, deixam no sol com muito sal ou colocam dentro do metal-lata com venenos para que não apodreça...

Mandam a carne para outros *napë pë* que têm mais máquinas e remédios, onde o pessoal, dizem, é gordo e morre de comer muito, ou dos venenos que põem na comida para guardá-la.

Com as colheitas das roças grandes fazem a mesma coisa. Escondem e mandam para longe.

Quando as roças produzem muito de uma coisa, ela fica sem valor de papel-dinheiro e algumas vezes queimam a comida para que ela fique pouca e com valor. Então quase param de plantar a coisa que não tem valor em papel-dinheiro até que fiquem precisando dela, e é quando compram dos *napë pë* de longe outra vez por muito papel-dinheiro.

Gostam muito, todos eles, do papel-dinheiro, mas deixam trancado em casas de paredes duras guardadas por máquinas e armas.

II

Os *napẽ pẽ* do rio-abaixo hoje são muitos... no começo eram poucos. Chegavam pelo rio grande... subindo. Chegavam com medo e traziam presentes para o pessoal de lá mesmo. Davam muito presente de comida diferente que o pessoal começou a gostar – sal, açúcar e óleo...

Traziam as espingardas e a água-que-faz-morrer. Que bebem, ficam alegres, tristes ou bravos... às vezes, caem e ficam mortos por pouco tempo por causa dessa água... querem esquecer, mas não sabem direito o quê.

Alguns bebem da água-que-faz-morrer todos os dias desde que o sol vem... Vão ficando abandonados pelos amigos e pela família... o corpo vai se estragando até que morrem definitivamente de fato...

No começo, o pessoal que era de lá mesmo ficou gostando do sal, do açúcar e da cachaça; em troca, eles davam suas coisas, suas terras e os bichos grandes parecidos com veado e anta, que começaram também a criar.

Chegaram doenças estranhas... Algumas matavam poucos e outras matavam muitos. A maioria matava muitos...

O pessoal de lá conhecia muitos remédios de lá mesmo, mas as doenças não eram conhecidas deles. Foram-se tornando poucos...

Chegavam cada vez mais os que subiam o rio grande e iam se tornando muitos...

Algumas vezes se desentendiam os que chegavam com os de lá mesmo, e brigavam com espingardas e flechas, cada um com o que tinha.

Chegou o *napẽ*-missionário para fazer as pessoas de lá serem boas como ele. As pessoas, não sabendo de Jesus, iriam obviamente para a sopa do inferno e não para a grande roça, onde não se precisa trabalhar. Lugar, esse, localizado no céu... Ainda com a agravante de não possuírem e usarem panos embrulhados no corpo, não terem sido casados em igreja

e não se chamarem com nomes de santos: *napë pë*-chefes muito bondosos que viveram no começo do mundo deles, e deles poucos – e pouco – sabem.

Traziam os remédios, depois de terem trazido a doença... E era também pecado o que eles chamavam de feitiço, mesmo que a intenção fosse aliviar as dores; ainda mais quando se recebia ajuda de plantas que o *napë* não conhecia e tinha medo que deixassem as pessoas loucas: quer flores, folhas, cascas, raiz ou líquidos.

As pessoas morriam e se tornavam poucas. As que eram de lá mesmo.

III

Subia muita gente do rio-abaixo.

Aumentava gente e aumentava o perigo de briga entre as várias gentes que existiam. Apesar de ser pecado a briga.

Chegaram os que são Funai para ensinar as pessoas para que não brigassem, e também não deixar que os *napë pë* brigassem com as pessoas de lá. Apesar da proteção e dos remédios dos que são Funai, as pessoas continuavam a ter doenças, brigar, tornando-se poucas.

Aprenderam melhor a apanhar... Mas, às vezes, ganhavam também as espingardas, que podiam trocar por suas terras. As espingardas eram usadas para conseguir outras terras brigando com os que, como eles, eram mesmo daquela terra.

Existiam sempre pessoas, ou mesmo um grupo delas, que aprendiam depressa a conversar com as outras que chegavam e conseguiam mais coisas estranhas; que trocavam depois com outros por um maior valor, que podia trocar com outro que tinha menor facilidade de se comunicar com os *napë pë* por um valor ainda maior, e assim se ia fazendo...

Começaram a criar-se os ricos e os necessitados. Aumentaram as brigas... e as espingardas.

Aumentava a precisão das coisas. As pessoas começavam a ficar com vergonha de serem peladas onde todas eram embrulhadas. E era pecado ser pelado. Queriam e tinham, então, roupas que na maioria das vezes já eram velhas e sujas – por vezes – de doenças. O sabão só chegava depois e em menor quantidade.

Aumentavam as coceiras e feridas. Também as do pensamento. Também as de dentro...

A vergonha aumentava em alguns e diminuía noutros; nos de lá e nos chegantes... que diminuía e aumentavam...

IV

Os velhos que ainda existem perto do rio-abaixo – perto da Boa Vista – falam assim:⁷²

No começo, quando eram crianças ainda, alguns moravam no *Wari-manake*, que virou Guanabara – a fazenda –, onde fica o cemitério.

Não tinha *napë*: só os outros que eram indígenas *Ximi*.

No lugar que era *Wit-kiri*, chegou um homem branco e fez casa branca, que hoje é cidade Normandia. Depois chegou outro branco e fez casa no Cariri e depois andou no lugar de *Winamira ta*, que virou Santa Cruz.

Marechal Rondon deixou marco desenhado com “B/2” e documentos da “Área de Santa Cruz”. Ele deixou Pedro Wirian como *Tuxaua*⁷³ e entregou pra ele o Documento da Terra.

⁷² Adaptação do documento do Conselho Indígena de Roraima (CIR) sobre a maloca Santa Cruz.

⁷³ *Tuxaua* – chefe indígena.

Marechal Rondon passou... Foi daí que veio o gado com o vaqueiro que fez casa no Cariri. Fez curral e roça e pasto... e o documento da terra.

Vaqueiro matou o *Tuxaua* que tinha o documento da terra que deu o Marechal Rondon.

Logo virou *Tuxaua* o Aureliano do *Parimë kipi* e entregaram o documento da terra pra ele.

Um dia o *Tuxaua* foi na Casa Branca trocar coisas com os brancos. Na volta, o vaqueiro e um outro branco mataram o *Tuxaua* e o jogaram no igarapé *Namara*.

Nesse tempo, o delegado da Funai chamava Amâncio. Demorou dois anos para ter *Tuxaua* Luiz Caruçudo. Nesse tempo chegou um outro branco, que deixou coisas para o vaqueiro vender. Ele ficou devendo e teve que entregar o gado para o dono das coisas, falando pra ele pedir terra ao *Tuxaua* para colocar o gado, que ele não tinha terra.

O dono das coisas pediu a terra por pouco tempo... Ficou doente sem cura e deu pra irmã, que não veio buscar. Veio o irmão mais velho dele e fez negócio com um branco que depois que chegou é que começou a ter jagunços nos caminhos de caçar e de pescar. Nas roças e nos pastos... Embora tenha escola, as crianças não podem ir.

Isso era no tempo que nasciam as mulheres que hoje têm o primeiro filho desmamando.

Quando morreu o *Tuxaua* Luiz Caruçudo ficou no lugar o filho dele, Bento de Andrade, e assim passaram-se mais anos...

Assim contam os mais velhos.

Depois começou a ter papel escrito.

Primeiro, foi antropóloga que escreveu de quando era 1983 e o branco que trouxe os jagunços veio com delegado de polícia do interior, de Boa Vista, junto com os soldados e o comandante de Normandia – que

era Casa Branca; e antes ainda era *Wii-kiri*; e chegou na Santa Cruz, que era o lugar de *Winamirata*, apontou as espingardas para os *Yanomami* e mandou eles derrubarem suas casas e currais.

Como o pessoal não quis, a polícia mesmo derrubou as duas casas e o curral.

O pessoal chamou os de outras aldeias para ajudar a fazer de novo as casas e os currais. Por causa disso, o *Tuxaua* e mais três ficaram presos na penitenciária de Boa Vista por vinte dias.

No ano que era 1987 o pessoal começou a escrever cartas para a Funai.

Agora não tem mais delegado em Boa Vista... tem um superintendente em Manaus que é o mesmo Amâncio.

O pessoal escreveu quando tinham ido em dezesseis homens para pescar no lago *Parimê* e vieram quatro jagunços até as casas pra dizer que o homem dos jagunços mandou meter dez balas na cabeça das pessoas que botaram fogo no campo, e que ele paga todos os meses ao governador do Território e não queria roça de índio naquela terra. Os jagunços mesmo tinham queimado o campo... Era 22 de março.

Escreveram quando chegaram dois jagunços na casa do índio Edmilson e fizeram com que ele arrancasse as *manivas*⁷⁴ quando era 14 de maio. Eram dois jagunços.

Quando era 20 de maio eles voltaram e tocaram as criações dos *Yanomami* rumo à fazenda Guanabara – que era *Warimanake*. Mataram com tiro de revólver um cavalo, os porcos, cabras, reses e proibiram os *Yanomami* de campear seu gado.

Quando era junho, dia 3, os jagunços surraram os *Yanomami* Jovildo e Tomé porque tinham plantado roças no terreiro de suas casas. Foram obrigados a arrancar tudo que tinham plantado e os jagunços cortaram a cerca para que o gado comesse as plantas.

⁷⁴ *Manivas* – caules dos pés de mandioca.

Junho ainda, no dia 12, o homem dos jagunços apontou revólver pra cabeça de mulher grávida de sete meses. Isso está escrito na delegacia de Polícia Federal de Bonfim.

No dia 9 de julho chegam três jagunços armados de espingarda na roça onde trabalhavam o Rofino, o Salomão e sua mulher Verônica. Um deles tomou o terçado que o Salomão trabalhava, cortou pés de milho, quebrou o terçado em três pedaços e bateu na Verônica em frente ao marido.

Dia 12 de julho chegaram dois jagunços com espingardas grandes que apontavam. O pessoal reagiu e prendeu os jagunços.

Dia seguinte, deviam ser dez horas, passou o helicóptero, que deu três voltas na aldeia e foi pra fazenda. Voltou logo e ficou voando em cima da aldeia, quando chegaram doze viaturas com polícia civil, militar e exército cheias de soldados, que invadiram a aldeia espancando homens, mulheres e crianças, quebrando portas e jogando comida no chão.

Com uma metralhadora no meio da casa mandavam as pessoas saírem depressa e deitarem na chuva, querendo prender quem demorasse.

Levaram dezenove presos algemados.

V

O rio continua descendo além de Boa Vista. Vai passando por cidades cada vez maiores, que é por onde os *napë pë* chegaram primeiro, quando subiam fazendo o caminho ao contrário do rio. Todos esses lugares eram ocupados por pessoas, parecidas com as da serra, ao longo de todo o rio que corre sempre até chegar na água grande e salgada, onde não se enxerga o outro lado.

Os pássaros não conseguem atravessar e o avião pequeno cai no meio da travessia com sede da água de fogo que ele bebe.

Poucos podem atravessar a água grande. Só as canoas grandes do tamanho de várias casas e os aviões que voam tão alto que não veem as casas da floresta:

— Eles têm o bucho grande e levam muita água-de-fogo para beber no caminho.

Do outro lado é que vieram os primeiros *napë pë*.

No tempo que os *napë pë* chegaram do outro lado da água grande, pela primeira vez, pensavam que era louco o chefe da canoa grande, movida pelo vento, em que vinham.

Eles, do outro lado, pensavam que a grande água se acabasse num buraco: fim do mundo. Tinham muito medo os empregados das grandes canoas. O lado de cá era desconhecido. Por isso tinham medo.

O chefe da canoa desenhava assim o seu pensamento no papel, quando ele chegou aqui na terra que pensava se chamar Índias.⁷⁵

Eu – diz ele – porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se converteriam e entregariam à nossa fé pelo amor e não pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e algumas miçangas que pusei no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha [...] Andavam nus como a mãe lhes deu a luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pelo do rabo de cavalos, e curtos [...] Eles se pintam de preto, e são da cor do canário, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos e o nariz. Não andam com as armas... Não têm nenhum ferro... E eu achei e acho que aqui vêm procedentes da terra firme para levá-los para o cativo. Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto

⁷⁵ Trecho do diário de Cristóvão Colombo, de 11 de outubro de 1492, p. 44-46. In: COLOMBO, C. *Diários da Descoberta da América: as 4 viagens e o testamento*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1984. (Série Visão do Paraíso, 1)

que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades para que aprendam a falar. Não vi nesta ilha nenhum animal de espécie alguma a não ser papagaios.

Foi assim que desenhou no papel o chefe da primeira canoa que atravessou a água grande.

VI

Os *napë pë* têm marcado nas superfícies de papel tudo que aconteceu desde há muito tempo. Muito tempo existiu antes que os *napë pë* soubessem os desenhos-palavras. Ninguém sabe direito o que aconteceu nesse tempo. O tempo não tem fim ou começo.

Segundo as superfícies de papel dos *napë pë*, foi há menos de quinhentos anos que os primeiros deles atravessaram a água grande. É um tempo insignificante se comparado ao da existência do homem na Terra.

Os *napë pë* estragaram e sujaram seu mundo. Invadiram ao mesmo tempo o mundo das pessoas que moravam deste lado da grande água. Lugar que chamam de América.

Debaixo do mesmo céu ficam mundos de pessoas diferentes. O mundo das pessoas da serra era, até quase agora, o único lugar que os *napë pë* ainda não tinham esburacado e sujado.

Para as pessoas que moram na serra, parece que está chegando a hora em que o céu vai cair. Os *xapori pë* estão mortos ou fracos de doença e fome. As árvores que sustentam o céu estão sendo derrubadas. É o fim. Apocalipse, como dizem alguns *napë pë*.

Sendo o céu o mesmo para os que são da serra e para todos os outros que são *napë pë*, é de se esperar que caia de uma só vez sobre a cabeça de todos. E está cada vez mais perto a hora em que o céu será derrubado. Quase nenhum deles acredita ou pensa nisso. Enquanto isso, procuram construir armas cada vez mais mortais, coisas que aumentem seu poder sobre outros, instrumentos cada vez mais danosos para explorar a terra e tudo que ela sustenta.

Deve existir um motivo muito forte para que os *napë pë* insistam em continuar sua tarefa de destruir o mundo.

Para as pessoas da serra aparece um motivo muito simples para que seja esclarecida essa questão: os *napë pë* precisam de ouro...

Os *napë pë* querem ouro: gostam, fazem enfeites, usam em algumas de suas máquinas e magias.

Já esburacaram a terra em muitos lugares e já conseguiram acumular uma grande quantidade dele. Só do mundo das pessoas da serra retiraram uma quantidade que medem em três toneladas durante o tempo em que uma lua leva para crescer e desaparecer.

A maior parte do ouro que tiram da terra eles derretem e constroem pequenas pedras quadradas, que deixam trancadas em grandes caixas de metal forte, com muitos deles armados para protegê-las. Matam-se pela posse das barras de metal amarelo.

Para os *napë pë*, as barras do metal amarelo valem mais que os rios, a floresta, os bichos e os próprios homens.

Assim sendo, chega o fim dos viventes da terra. Ela continuará, possivelmente, através do tempo sem fim. A não ser que terráqueos, inteligentes ou não, unam-se e descubram algo que seja bom para todos.

Por ora, somos todos testemunhas: “Tragédia é quando não sobra ninguém...”

|| Glossário de Termos *Yanomami*

Aikam (ë) thëri – moradores da serra *Aikam*.

Aka a pore – “língua de fantasma”, mudo, pessoa que não fala corretamente a língua *Yanomami*.

Harai u – afluente do *Parimi u*, que brota próximo ao Posto Indígena Surucucu.

Hekura pë – espíritos auxiliares do *xapori*.

Henamakë – nome do lugar onde foi instalada a casa dos missionários da Missão Evangélica da Amazônia (Meva) em 1965.

Henimu – ato de organizar acampamento de caça ou de coleta de frutas silvestres.

Hero u – rio Couto de Magalhães.

Hiima – qualquer tipo de animal de estimação.

Kamikari – doença consumptiva associada a espíritos de mortos.

Kamikari u – remédio líquido para *kamikari*.

Kori a – japinim, japim. Pássaro de cauda amarela que vive em bandos que constroem vários ninhos numa mesma árvore. Na mitologia corresponde ao ser que retirou o fogo da boca do jacaré quando este gargalhou.

Kurema – espécie de ave. Jacu.

Mahano u – afluente do rio Couto de Magalhães.

Mamohi këpë – árvores que produzem *mamo kikë*.

Mamokikë – sementes oleaginosas venenosas. O preparo dessas sementes para o consumo demora alguns dias. São muito apreciadas. As regiões em que abundam são visitadas anualmente na época da maturação. Os *Yanomami* são capazes de prever o início da estação seca, levando em conta o seu estágio de crescimento.

Maniva – caule dos pés de mandioca. Palavra do léxico regional amazônico (não é *Yanomami*).

Maraxi u – rio do Cujubim; afluente do rio Couto de Magalhães.

Maraxi u thëri – designação dos *Yanomami* da região de Surucucu aos moradores da região do rio Couto de Magalhães.

Mayëpë – tucano.

Mayëpë u – rio do Tucano.

Mayëpë u thëri – grupo que vive às margens do *Mayëpë u* a cerca de seis horas de caminhada do Posto Indígena Surucucu.

Mokorimapë – mulheres na puberdade, antes do primeiro filho.

Moxahi – região localizada a nordeste do Posto Indígena Surucucu.

Moxahi thëri – nome dado pelos *Yanomami* que vivem próximos ao posto para designar os moradores da região do *Moxahi*. Os ditos *Moxahi thëri* usam outros nomes que consideram mais adequados para se autodenominar. Em 1987, foram encontrados cerca de 180 *Moxahi thëri* em cinco *xaponopë*: *Apihikëyopi thëri*, *Somosi thëri*, *Waputhau thëri*, *Werikositorikëyopi thëri* e *Yamikaniyapeu thëri*.

Moxahi thëriyoma – mulher da região do *Moxahi*.

Napë ⁷⁶ – pessoa que não é *Yanomami*. Plural: *Napë pë*.

Napëtha u – rio que tem muitos estrangeiros. Principal formador do Parima. O rio tem esse nome, apesar de existirem somente *Yanomami* nesse lugar.

Napëtha u thëri – moradores das margens do *Napëtha u*. Trata-se das cabeceiras do rio *Parimi u* e, conseqüentemente, do Rio Branco.

Napëxi – paus de três a quatro metros de comprimento, usados em guerras intergrupais. A briga com *napëxi* não é das mais violentas, como as praticadas com flechas, por exemplo, já que o pau demora para alcançar o alvo (a cabeça do inimigo), permitindo que esse se esquive.

Napëyoma – mulher estrangeira, mulher não *Yanomami*.

Omamë – um dos dois primeiros *Yanomami* que caíram do céu.

Paapi u – floresta dos *Maraxi u thëri* do rio Couto de Magalhães.

⁷⁶ A palavra *napë*, acrescentada do sufixo verbalizador *mu* significa brigar; do prefixo *ne*, significa inimigo.

Parahuri – *Yanomami* que vive ao norte. Em quase todos os pontos do mundo dos *Yanomami* existem *Parahuri* que vivem em direção norte. Mesmo entre os grupos que são considerados *Parahuri* o termo é utilizado para denominar outros que vivem mais ao norte. Para os *Yanomami* que vivem perto do Posto Indígena Surucucu o termo designa os *Wanapikë thëri* (moradores do lugar que existe muito bambu) e seus vizinhos do Alto Parima.

Parimë kipi – nome do lugar do Território *Makuxi*.

Parimi u – Alto rio Parima.

Patapë – grandes, velhos, chefes.

Porapë – cachoeiras.

Porapi u thëri – moradores do rio que tem muitas cachoeiras, ao norte dos *Moxahi thëri*.

Potomatha thëri – moradores do lugar que tem muita mutuca. É a denominação dada pelos que moram perto do Posto Indígena Surucucu aos *Mayëpë u thëri*, *Yarimë u thëri*, *Palimasithëri*, *Watha u thëri*, entre outros.

Seisi a – pequeno pássaro de plumagem azul-celeste brilhante e cabeça cor de vinho. Os *Yanomami* costumam retirar o couro e a plumagem desse pássaro para utilizá-lo como adorno.

Talemë u thëri – grupo que vive às margens do *Talemë u*, afluente do *Ximixi u*, cerca de três horas de caminhada do antigo Posto Indígena Surucucu. Naquela época, tratava-se de um dos menores grupos locais conhecidos (23 pessoas) e conseguia se manter à parte das guerras entre *Potomatha thëri* e *Tihisipora u thëri*, graças à habilidade política de seu líder.⁷⁷

Tapiri – palavra do português regional da Amazônia, de provável origem indígena. É um abrigo rudimentar construído rapidamente com materiais (madeira, folhas, cipó) que estiverem à mão (não é palavra *Yanomami*).

Thomitha u – rio das Cutias. Nome dado ao Alto rio Mucajaí.

⁷⁷ Antonio *Mayëpë u thëri* contou, em janeiro de 1990, que a velha avó da Tânia foi morta com sua filha e uma neta de colo às margens do *Maximanapë u*, ao estar indo visitar os *Xirimihipikë thëri*, por garimpeiros que lhes dispararam à queima-roupa, a três horas do Pelotão de Fronteiras.

Tihisipora u thëri – grupo local que vivia às margens do *Tihisipora u*, a sete horas de caminhada do Posto Indígena Surucucu. Um dos maiores grupos da região, com cerca de 340 pessoas em 1987. Eram conhecidos na década de 1970 como *Tÿbÿxinahiniwi thëri* (moradores do lugar que tem um rabo de tamanduá-bandeira espetado). Hoje se dividiram em *Waremakararawei thëri*, *Xarakamonapike thëri*, *Roko u thëri* e *Tihisipora u thëri*.

Tixokopi u thëri – um dos grupos da região de *Moxahi*, moradores do rio que tem muito beija-flor.

Tixokopi u thëriyoma – moradora do rio que tem muito beija-flor.

Topora – nome de cachoeira (*porá* - cachoeira).

Topora thëri – moradores do *Topora*.

Tuxaua – chefe indígena.

Urihi – Mundo, terra, floresta.

Venezuela thëri – moradores da Venezuela.

Waika – denominação dada aos grupos mais distantes, que significa “mata-dor”, por utilizarem pontas de flechas envenenadas com *curare*.

Waputha u – afluente do rio *Parimi u*.

Warëtho u – rio dos Queixadas. Nasce entre o posto indígena e a pista de pouso. Sua água se tornou barrenta na época das chuvas, após a melhoria da pista pelo Projeto Calha Norte.

Watupari – o ser urubu-rei; espírito auxiliar dos *xapori pë*. O *xapori* capaz de receber esse espírito em seu peito pode “viajar” grandes distâncias à procura das causas das doenças.

Wayamu – canto em contraponto entre duas pessoas, no qual se trocam notícias entre visitantes e anfitriões.

Witi pi the thu? – “O que é isso?”

Xãhōxi – girinos.

Xãhōxi thëri – grupo que vive às margens do *Xiëto u* a quatro horas de caminhada do posto indígena. Na década de 1970 viviam junto com os *Pirisi thëri*, *Xirimihikipikë thëri* e *Napëtha u thëri*; eram então chamados de *Aikam thëri*.

Xãhōxikē – lugar onde há girinos.

Xamatari – *Yanomami* que vivem a oeste da região dos informantes. Como os *Parahuri*, que estão sempre ao norte, os *Xamatari* estão sempre a oeste.

Xapono – casa tradicional cônica com praça central onde se realizam as brincadeiras e as cerimônias. Existem casas em que vivem até trezentas pessoas. O lugar de cada família dentro da *xapono* é denominado *yano*. As casas costumavam ser cobertas com folhas de ubim. Em muitos lugares essa pequena palmeira foi destruída pelas atividades do garimpo. As casas passaram a ser cobertas com plásticos cedidos pelos garimpeiros.

Xapono pē – plural de *xapono*.

Xapori – *xamã*; pessoa que recebe os espíritos auxiliares em seu peito e pode assim curar males. Qualquer homem pode ser considerado *xapori*, mas alguns dentre eles são considerados melhores pela eficácia da cura que praticam e pela sua coragem de combate no mundo sobrenatural. A iniciação do *xapori* é um ritual prolongado onde são praticados o jejum, a abstinência sexual e de alguns alimentos, e a aspiração da *yakoana*. A seriedade de cumprimento desses preceitos também influi no poder do *xapori*. Plural: *Xapori* pē.

Xapori-mu – praticar o xamanismo. (*Xapori* = *xamã*, *mu* = verbalização).

Xawara – doença estranha aos *Yanomami* até o contato com os não indígenas. Descrita como tendo evolução rápida e fatal, acometendo várias pessoas ao mesmo tempo; epidemia; pandemia causada principalmente por vírus.

Ximixi u – afluente da margem direita do *Parimi u*. Os seus primeiros formadores brotam na serra das Surucucus.

Xiriana – falantes de uma das quatro línguas da família *Yanomami*, que vivem no médio curso do rio Ericó. Denominação dada por grupos Caribe.

Xirimihikē – espécie de árvore.

Xirimihipikē – montanha com muita *xirimihikē*.

Xirimihipikē thēri – moradores da montanha que tem muita *xirimihikē*, a três horas de caminhada do posto indígena.

Xirixana – falantes da mesma língua dos *Xiriana* (*Yanam*) que vivem às margens do rio Mucajáí.

Xitea – região das mais populosas entre os *Yanomami* localizada a oeste de Surucucu, onde viviam cerca de oitocentas pessoas, nas nascentes do *Parimi u*.

Yakoana – alucinógeno utilizado pelos *xaporipë*, extraído da entrecasca da *Virola* sp. na região das serras Surucucus e Parima. Em outras regiões os alcaloides triptamina são extraídos de outras espécies vegetais.

Yanomami – povo que, no final da década de 1980, contava com cerca de vinte mil pessoas e que vive na região montanhosa que divide as águas dos rios Branco, Negro e Orinoco e os afluentes de seus altos cursos. Vivem nessa região da Terra há cerca de quatro mil anos, segundo estudos linguísticos que sugerem ser esse o tempo que demora uma língua para se diferenciar em quatro outras como é o caso do *Yanomami* (*Yanomamë*, *Yanomamÿ*, *Sanÿma* e *Yanam*). Viveram isolados da sociedade de consumo até o início da década de 1960, quando se instalaram as primeiras missões religiosas entre eles. No Brasil, os contatos mais intensos se deram a partir da década de 1970 com o Plano de Integração Nacional, a construção da BR-210 (Perimetral Norte) e a pesquisa mineral em suas terras. A mortalidade causada pelas doenças introduzidas com a construção da estrada resultou na destruição de comunidades inteiras na bacia do rio Catrimani. A estrada foi abandonada. Em meados da década de 1980, milhares de miseráveis foram convencidos de que a garimpagem na terra dos *Yanomami* seria a solução para a sua pobreza. Políticos de Roraima afirmavam que a abertura do garimpo seria a solução inclusive para o pagamento da dívida externa e o desenvolvimento do então território federal. Infelizmente, o desenvolvimento foi confundido com a poluição dos rios, aumento da criminalidade, narcotráfico, contrabando de ouro,⁷⁸ fome, trabalho em condições subumanas, prostituição etc. Morreram entre 1.500 e 2.000 *Yanomami* entre 1978 e 1990. Em alguns grupos a mortalidade chegou perto de 80%. Existem culpados, bem conhecidos, que permanecem impunes. Em algumas regiões, 90% dos sobreviventes estavam

⁷⁸ Relatório do Centro de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana do Ministério da Justiça diz que das duas toneladas de ouro exploradas mensalmente na terra dos *Yanomamis*, somente duzentos quilos eram comprados pela Caixa Econômica Federal, que é a única instituição autorizada a praticar esse tipo de comércio.

acometidos de malária em janeiro de 1990.⁷⁹ Os *Yanomami* acreditam que *Omãmë* escondeu coisas sujas no fundo da Terra: os metais desprenderiam uma fumaça invisível que causaria doenças incuráveis. Essa fumaça tem a capacidade de se alastrar por toda a parte, atingindo até mesmo o céu, que é velho e sustentado pelos *xaporipë*. A fumaça e a morte dos *xaporipë* vão ocasionar a queda do céu. O céu é o mesmo para todos os humanos. A semelhança desses pensamentos com a radioatividade, a destruição da camada de ozônio, as doenças incuráveis que assolam a humanidade e o Apocalipse é evidente. Ironicamente, o mundo dos *Yanomami* é rico em urânio e nióbio. *Yanomami* quer dizer gente: os construtores de casas. Alguns deles se consolam por saber que não serão os únicos que morrerão quando o céu cair sobre a Terra. Existem trapos do Mundo.

Yarimë u – rio do Macaco-Prego, afluente de margem esquerda do *Ximixi u*.

Yarimë u thëri – moradores do rio Macaco-Prego. Um dos grupos dos *Potomatha thëri* a dois dias de caminhada de Surucucu.

⁷⁹ Dados do Plano Emergencial de Assistência à Saúde das Comunidades Indígenas *Yanomami*. A partir de janeiro de 1990, a participação de entidades não governamentais neste plano (Conselho Indigenista Missionário, Diocese de Roraima, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Ação pela Cidadania, Comissão pela Criação do Parque *Yanomami*) permitiu um levantamento de dados de morbimortalidade.

Formato: 16 x 23 cm
Tipologia: Cheltenham e Chaparral Pro
Papel: Off Set 75g/m² (miolo)
Cartão Supremo 250g/m² (capa)
Impressão e acabamento: Infinity Gráfica
Rio de Janeiro, novembro de 2024

Além de livrarias e distribuidoras, nossos livros também podem ser encontrados em:
livrariaeditorafiocruz.com.br (livros impressos)
books.scielo.org/fiocruz (livros digitais)

“Você mora debaixo desse mesmo céu”? A pergunta do indígena da Serra do Surucucu ao *napë* (pessoa não *Yanomami*) nos leva a refletir sobre o encontro de identidades tão diversas, mas que constituem uma mesma humanidade. Trinta anos após a publicação do premiado *Watupari* (Wadubari, 1993) a atualidade do texto de Marcos Pellegrini é surpreendente e, ao mesmo tempo, nos entristece, pois vivemos novamente uma grave crise humanitária que ameaça o povo *Yanomami*. Protagonista do esforço contemporâneo pela superação da emergência, o médico etnógrafo narra em terceira pessoa uma história em que testemunho biográfico e poesia caminham juntos a nos mostrar os limites de nosso conhecimento de *napë pë* (pessoas não *Yanomami*). O livro é um convite à construção de um outro futuro sob o mesmo céu, o céu que devemos proteger como sociedade.

Nísia Trindade Lima

Pesquisadora da Fiocruz e ministra da Saúde

ISBN 978-65-5708-193-8

